T.T. Mass N0488
C6
Borba de Moraes, II; 819

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

(Poesia)

FLORES CELESTES
COLHIDAS ENTRE OS ESPINHOS
DA
SAGRADA COROA
DA
AUGUSTA, VENERAVEL, E SOBERANA CABEÇA
DO DIVINO,
E IMMORTAL REI DOS SECULOS,
JESU CHRISTO,
DEOS E HOMEM VERDADEIRO.

Tecidas em cinco ramalhetes em honra, e louvor das cinco preciosissimas chagas de Nosso adoravel e amoroso Redemptor e Salvador,

POR

JOSÉ CORTEZ SOL POSTO,
BAHIENSE.

LISBOA. M. DCCC. VII.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

SENTIMENTO
D' HUM PECCADOR
CONTRITO
A'
PAIXÃO DO REDEMPTOR
NOSSO SENHOR
JESU CHRISTO.

RAMALHETE SEGUNDO,

OFFERECIDO

AO R.mo P. M.

FR. BENTO DA TRINDADE,

Doutor Theologo, Examinador Synodal das Tres Ordens Militares, Oppositor ás cadeiras de Theologia da Universidade de Coimbra, Vigario Prior no seu Hospicio de Agostinhos Descalços de Nossa Senhora da Palma, na Cidade da Bahia.

POR

JOSÉ CORTEZ SOL POSTO,
SOCIO BAHIENSE.

FLORES CELESTES.

I.

Bemdita, e louvada seja
A Paixão do Redemptor,
Que veio dos Ceos á terra
Padecer por nosso amor.

II.

Suou sangue lá no Horto
Jesus, cheio de afflicções,
E pelos Judeos foi prezo,
Soffrendo crueis traições.

III.

Pelos Judeos açoutado
Foi com tyranno rigor,
Foi tratado como servo,
Sendo Supremo Senhor.

IV.

Foi coroado de espinhos
Por nossos máos pensamentos,
E forão nossos peccados
A causa de seus tormentos.

V.

Aos hombros levou a Cruz,
Como cordeiro innocente,
Os Judeos nella o cravárão
Como lobos cruelmente.

VI.

Estando na Cruz pregado
O nosso amante Jesus,
Logo o sol de sentimento
Perdeo toda a sua luz.

VII.

O dia, e tambem a noite
De repente se mudou,
Vendo-se com horror grande
Que tudo em trévas ficou.

VIII.

Duras pedras se quebrárão,
A terra toda tremeo,
E com igual sentimento
Todo o Ceo se entristeceo.

IX.

Por morrer Jesus querido
Todo o sensivel sentio,
Só nos corações Hebreos
Sentimento se não vio.

X.

Se Jesus só por nós morre,
Qual he nosso sentimento?
Pois he por nós offendido
Ainda a cada momento.

XI.

Dai-nos, Senhor, vossa Graça,
Para sempre vos amarmos,
Para a vossa cruel morte
Continuamente chorarmos.

XII.

Em fim, Jesus amoroso,
Que sois nosso summo bem,
Fazei com que nos vejamos
Lá na vossa Gloria. Amen.

RA·

SEGUNDO
RAMALHETE.

I.

Padre, Filho, Espirito Santo,
Tres Pessoas, e hum só Deos,
Influí nos versos meus,
Porque inculque ao mundo espanto:
Fazei que a meu rude canto
Vossas maximas o reja,
Porque com a Romana Igreja
Cante em metro já mais visto,
Que a Paixão de Jesu Christo
Bemdita, e louvada seja.

II.

II.

E vós, ó Sacra Maria,
A quem pedir não se escusa,
Inspirai á minha musa
Influxo, plectro, energia:
Para que com melodia,
Affecto, zelo, fervor,
Com vosso auxilio, e favor,
Qual João Evangelista,
Expresse fiel chronista
A Paixão do Redemptor.

III.

Já me sinto soccorrer
Celestial influencia,
Seja a Santa providencia
Louvada sempre em seu Ser
Eu vou, já vou descrever,
Que a Fé, mestra que não erra,
Me ensina, que a mover guerra
Aos magnates do avérno,
O Homem Deos, Christo eterno,
Que veio dos Ceos á terra.

IV.

Oh fineza singular!
De Jesus, Rei Soberano,
Fazer-se o Divino humano,
Sómente por nos salvar!
Ninguem póde duvidar,
Veio o nosso Redemptor
A' terra, com fino ardor,
Bem que aggravado, e offendido,
Do seu amor impellido
Padecer por nosso amor.

V.

Oh Casta, oh Santa verdade!
Formosa, gentil, e bella,
Quanto he candida, singéla,
E grata tua beldade!
Creio com fidelidade,
Que de amores absorto,
Prevendo havia ser morto
No Gólgotha, em huma Cruz,
Cercado de ancias, Jesus
Suou Sangue lá no Horto.

VI.

VI.

Oh excesso de amor forte!
Que requintada fineza!
Expôr-se Christo á fereza
Da mais tyrannica morte!
Elle com meigo transporte,
Pelas nossas transgressões,
Com ternas genuflexões,
Tres vezes ao Padre orou,
De sangue a terra tintou,
Jesus cheio de afflicções.

VII.

Os joelhos dobra no chão,
Leva as mãos, e olhos aos Ceos,
E a seu Pai Eterno Deos
Se offerece pura oblação:
E estando seu coração
Em chammas de amor accezo,
Se bem que de culpa illeso,
Foi entregue o Redemptor
Por hum Discipulo traidor,
E pelos Judeos foi prezo.

VIII.

Eis-aqui principio dado
A' Paixão de Jesu Christo,
Com rigor já mais não visto
Em todo o mundo creado:
Qual se fora réo culpado,
Expõe-se ás duras pensões
Das falsas accusações,
Desprezos do povo Hebreo;
Té d'hum Apostolo seu
Scffrendo crueis traições.

IX.

Judas que está possuido
De perfidia, e avareza,
A seu Mestre (que vileza!)
Aos Escribas tem vendido:
Depois de o terem prendido,
E á casa de Annaz levado,
Por Caifaz foi enviado
A Pilatos que o correja
O qual ordena que seja,
Pelos Judeos açoutado.

X.

Elles que vêm opportuna
Esta occasião lhes he,
A Jesus de Nazaré,
Atão a huma columna;
E sem que se lhes desuna
Do peito o odio, e rancor,
Açoutado o Redemptor
Com varas, ferro, e cordeis,
Por seis verdugos crueis
Foi com tyranno rigor.

XI.

Que excesso já mais não visto
Em outra nenhuma idade!
Sacrilega barbaridade
Praticada só com Christo!
E não contentes com isto,
Nos Evangelhos observo,
Jesus julgado protervo,
Do povo infame inhumano,
E sendo Deos Soberano,
Foi tratado como servo.

XII.

Esta canalha incivil
A's mesmas Leis se oppuzerão,
Pois os açoutes que dérão,
Passárão de cinco mil:
Suspende, geração vil,
O teu ferino rigor,
Vê que este he teu Creador,
E da terra, mar, e Ceo,
Vê que este Homem já nasceo,
Sendo Supremo Senhor.

XIII.

Quem soubera, ó Padre Eterno,
Em tantas irreverencias
Louvar com puras decencias
A vosso Filho abterno!
Elle humilde, brando, terno,
Com desprezo em vez de alinhos,
Vertido em odio os carinhos,
Pelos Judeos insensatos
No Pretorio de Pilatos
Foi coroado de espinhos.

XIV.

Sim, meu Deos, sei, meu Senhor,
A impulsos d'ardente affecto
Foi vosso cérebro objecto
Da furia, ira, e rigor:
Sendo com activa dor,
Para alvo d'ímpios inventos,
Cravado, por mais tormentos,
Com setenta e dois espinhos,
De duros juncos marinhos,
Por nossos máos pensamentos.

XV.

Huma Purpura rasgada,
Hum Sceptro de verde rama,
Por mofa Rei vos acclama
A gente céga, e malvada:
Mas ella foi instigada
De impulsos mais alentados,
Que os motivos reforçados
Das vossas calamidades,
São suas iniquidades,
E forão nossos peccados.

XVI.

XVI.

Logo posso confessar,
Que meus vicios, e torpezas
Requintárão as ferezas
Do rigor mais exemplar:
Com razão devo chorar
Lagrimas de sentimentos,
Porque meus vãos pensamentos
Motivárão tantas dores,
Sendo meus loucos horrores
A causa de seus tormentos.

XVII.

Chorar devo sem falencia
Toda a noite, e todo o dia,
Abraçando-me á porfia
Com a cruz da paciencia:
Pois que da minha indigencia,
O atenuado Jesus,
D'alma guia, norte, e luz,
Qual Sansão mais famulario,
Do Pateo para o Calvario
Aos hombros levou a Cruz.

XVIII.

Porém o povo Judeo,
Temeroso que expirasse
Jesus, antes que chegasse
Ao Gólgotha, fito seo:
Chamão Simão Cyreneo,
Que o ajuda em continente;
E caminhando contente,
Jesus curvado, e opprimido,
Não exhala hum só balido
Como cordeiro innocente.

XIX.

Já por nosso beneficio
Caminha com desempenho
O Divino Isaac c'o lenho
Ao monte do sacrificio:
E ao lugar do supplicio,
Logo que todos chegárão,
Apenas que alli tirárão
Dos hombros do bom Jesus
O doce pezo da Cruz,
Os Judeos nella o cravárão.

XX.

A crucifixão fizerão,
E ao cravar das mãos, e pés,
C'os martellos ao revéz,
Setenta e dois golpes derão:
Impropérios lhe disserão,
Com vil desprezo indecente,
Querendo a nefanda gente,
Com execrando furor,
Devorarem o Senhor
Como lobos cruelmente.

XXI.

Ah! Se eu d'um Marcos tivera
A penna, com que escreveo,
Seguindo o modêlo seo,
A Paixão fiel descrevêra:
Mas ah! tudo não dissera,
Só vós, meu Crucificado,
Podeis, como exprimentado,
Dizer, pois as padecestes,
As dores, que então soffrestes,
Estando na Cruz pregado.

XXII.

Só sim tendo a energia
Do publicano Mattheus,
As ancias d'hum Homem Deos
Zeloso trasladaria:
Porém melhor fallaria
Do holocausto da Cruz,
Se clara, e Divina Luz
Me inspirasse lá do Ceo
As magoas, que padeceo
O nosso amante Jesus.

XXIII.

Se alcançára a feliz sorte,
Com Lucas me assemelhar,
Exacto havia copiar
De Christo a vida, e a morte:
Com tudo o negro transporte
Pinto do azul pavimento;
Pois que com raro portento,
Na morte do Salvador,
Perdeo de todo o explendor
Logo o Sol de sentimento.

XXIV.

Os penedos se partírão
Com mágoa, dor, e espanto,
D'hum denso pávido manto
As Estrellas se cubrírão:
As Sepulturas se abrírão
Com a morte de Jesus,
No patibulo da Cruz:
O véo do Templo rasgou-se,
Turbada a Lua eclipsou-se,
Perdeo toda a sua luz.

XXV.

Mas nada incita abrandar
Os corações Fariseos,
Que cégos nos erros seos
Nada os faz estimular:
Hum só não ha que a insultar
Ao Senhor se não affoite,
Não ha ninguem que o acoite,
Vendo que apenas morreo,
Em sombras se escureceo
O dia, e tambem a noite.

XXVI.

Que triste, e fúnebre scena,
Que o mundo já mais não vio!
Todo o Universo sentio,
Demonstrando mágoa, e pena:
Chora triste a Magdalena,
João estúpido pasmou,
A final porque expirou
O Author da natureza,
Toda alegria em tristeza
De repente se mudou.

XXVII.

Galileo algum não tem
N'afflicta, e triste Cidade,
Que não gema a crueldade
Do mais pérfido desdem:
Não ha na Jerusalem
Hum Cidadão, que se abrande,
Nem que raivoso não ande,
Quando a filha de Sião
He hum cáos de confusão,
Vendo-se com horror grande.

XXVIII.

Tão deploravel effeito
Havia assim succeder,
Que innocente padecer,
Jesus he duro conceito:
Elle já ao sacro Peito,
A cabeça reclinou,
E logo em fim que expirou,
Se vio na celeste Zona,
Da sexta té a hora nona,
Que tudo em trévas ficou.

XXIX.

Catastrofe lamentavel!
Tu, Princeza das Cidades,
As tuas iniquidades
Te puzerão deploravel:
Tu que eras incontrastavel,
Já teus muros se abalárão,
Teus arcos se prosternárão,
Estremecêrão teus montes,
Nevárão-se brandas fontes,
Duras pedras se quebrárão.

XXX.

XXX.

Com o triste Jeremias
Tuas desgraças lamento,
Choro o teu abatimento
Com o Profeta Isaias:
Cobre, envolve de agonias
O pállido gesto teo,
Pois vez que quando morreo
O teu Rei, e teu Senhor,
De pasmo, assombro, e horror
A Terra toda tremeo.

XXXI.

Com quem te hei de comparar
Em tão formidavel scena?
Quando julgo a tua pena
Ser tão grande conio o mar:
Quem pois te ha de consolar
Em tão negro abatimento?
Quem a teu justo lamento
Póde unir hum dissabor,
Que confira a tua dor,
E com igual sentimento?

XXXII.

Chora, ingrata, e fementida
O teu misero tropeço,
Chora, chora o louco excesso,
Que te induzio a homicida:
Tu és quem tiraste a vida
A quem todo o ser te deo,
Pelo que se transverteo
No Universo a alegria;
Trajou-se de luto o dia,
Todo o Ceo se entristeceo.

XXXIII.

Ah Rainha das Cidades!
Teus ímpios habitadores
He que forão causadores
Das tuas calamidades:
Terão as rigoridades
D'hum Deos irado, e offendido;
Pois todo o fiel nascido,
Que a natureza gerou,
Sentio, gemeo, e pasmou
Por morrer Jesus querido.

XXXIV.

XXXIV:

Oh quanto devem temer
Teus filhos serem motivo
De Jesu Christo, Deos vivo,
Dura morte padecer:
Por tão cruel proceder
A terra se diffundio,
O mar do centro sahio
Com refluxo desigual;
N'uma palavra a final,
Todo o sensivel sentio.

XXXV.

As aves, os animaes,
As plantas, os arvoredos,
As collinas, os rochedos
De mágoas derão sinaes:
Sensiveis, irracionaes,
Mostrárão pezares seos;
Oh providencia de Deos!
Que desta sorte mostrou,
Todo o odio maquinou
Só nos corações Hebreos.

XXXVI.

Sim, só nestes corações,
Do berço logo a malicia
Reinou a impudicicia,
A ira, a inveja, as traições:
E tanto as ingratidões
Sempre nelles persistio,
Que quando tudo sentio
De Christo o misero effeito,
Sómente no Hebraico peito
Sentimento se não vio.

XXXVII.

Homens sem fé d'alma impura,
Comvosco quero chorar
Do meu iniquo peccar
A cégа obstinação dura:
Choremos nossa loucura,
Já que a pezar nos soccorre,
Pois julgo, se bem me occorre,
Ser justo de dor morrermos,
Não he licito vivermos,
Se Jesus só por nós morre.

XXXVIII.

XXXVIII.

Elle abrazado de amores,
Sendo tão puro, e innocente,
Figura-se delinquente,
E morre em acerbas dores:
Mas ah, que nossos rigores
Motivão mais seu tormento,
E n'alma em doce argumento
Lhe fórmão ternos ciumes,
E se estes são seus queixumes
Qual he nosso sentimento?

XXXIX.

Em vozes do pranto falle
A dor, e a contrição,
E com suave emoção
O alento vital exhale:
He justo que o peito estale
D'um pezar enternecido;
Como Pedro arrependido,
Choremos, sem mais cessarmos,
Por Jesus desaggravarmos,
Pois he de nós offendido.

XL.

As mãos aos Ceos levantemos,
E com dor ferindo os peitos,
Nossos Corações desfeitos
Pelas lagrimas brotemos:
As nossas manchas lavemos
Nas aguas do sentimento;
Offereçamos rendimento
A Jesus abandonado,
Que he por nós crucificado
Ainda a cada momento.

XLI.

Meu Deos, meu Rei, meu Senhor,
A chorar estou disposto,
Lagrimas dai a meu rosto
De compunção, e de dor:
E já que do vosso amor
A flamma suave traspassa,
Porque em chammas se desfaça
Este coração inerme,
Como déstes a Guilherme,
Dai-nos, Senhor, vossa graça.

XLII.

XLII.

Dai-nos o dom da paciencia,
As virtudes d'humildade,
Da fé, e da caridade
Esperança, e obediencia:
Dai-nos santa diligencia
Para a preguiça prostrarmos;
Dai-nos para vos louvarmos
Affectos d'amor ardente;
Dai-nos graça permanente
Para sempre vos amarmos.

XLIII.

Por vossa augusta Paixão
Ouvi meus tristes clamores,
Dando a meus vastos errores
Hum pleno, e geral perdão:
Pois faço já confissão,
Que por minha infausta sorte,
Com o mesmo excesso forte
Da infeliz Jerusalem,
Conspirei, Senhor, tambem
Para a vossa cruel morte.

XLIV.

Mas se com nossos rigores
Té agora vos offendemos,
E infiéis correspondemos
A vossos meigos amores;
Dai-nos dor que as vossas dores
Possamos quasi imitarmos;
E para vos adorarmos
Dai-nos corações contritos,
Para assim nossos delitos
Continuamente chorarmos.

XLV.

Em requinte do pezar
Quero, humilde, e arrependido,
Pelos olhos derretido
O coração exhalar:
Mas para mais vos amar
Com puro affecto extremoso,
D'um Loyola fervoroso
Seu ardor nos facultai,.
E d'hum Borja a fé nos dai,
Em fim, Jesus amoroso.

XLVI.

XLVI.

Bem vemos nossas maldades
Merecem inferno só,
Mas ah, Senhor, tende dó
Das nossas puerilidades:
Que se por iniquidades
Parte em nós o abysmo tem;
Só vós podeis, mais ninguem,
Como Juiz Divinal,
Livrar-nos do eterno mal,
Que sois nosso Summo Bem.

XLVII.

Cada hum, já do seu erro,
Quer com santa paciencia
Fazer dura penitencia
No mais embrenhado cerro:
E já que neste desterro
Gemendo té agora estamos,
Depois que alegres saiamos,
Cá deste valle terreste,
Lá nessa Patria Celeste
Fazei com que nos vejamos.

XLVIII.

Fazei com doce carinho
Amarmos vossa bondade
Com pura sinceridade,
Affecto, amor, e alinho:
D'hum Ambrosio, e Agostinho
O espirito nos convém;
Para com elles tambem
Vosso santo nome, terno,
Decantarmos por eterno
Lá no vossa Gloria. Amen.

PROTESTAÇÃO.

NEstes versos que aqui digo,
Se houver erro contra a Fé,
Minha vontade não he,
Por isso já me desdigo:
Pois eu tão sómente sigo
Os Ritos Sacros da Igreja,
Ella minha guia seja
Sempre té a final hora,
Meu Esprito já d'agora
Governe, illumine, e reja.

LAGRIMAS DE CONTRIÇÃO

DE

HUM PECCADOR MORIBUNDO,

E ARREPENDIDO.

RAMALHETE TERCEIRO.

OFFERECIDO

AO Exmo. E Rmo. SENHOR

D. FR. ANTONIO CORREA,

Da Ordem de Santo Agostinho, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano da Cidade da Bahia, do Conselho da Fidelissima Rainha Nossa Senhora.

POR

JOSÉ CORTEZ SOL POSTO

SOCIO BAHIENSE.

I.

EU tenho firme esperança
Na vossa Morte, e Paixão;
Nella eu confio, e espero
Conseguirei o perdão.

II.

Sou, meu Deos, aquelle escravo
Tão desleal, e perjuro,
Que para os vicios fui cera,
Para amar-vos bronze duro.

III.

Eu vos confesso que sou,
(Meu Senhor, e meu Jesu Christo)
O Peccador mais horrivel,
Que no mundo se tem visto.

IV.

Sou, meu Deos, hum monstro horrendo,
Que engolfado na cubiça
Pequei, não tem conto as vezes,
Sem temer vossa Justiça.

V.

Sou, meu Jesus, muito ingrato,
Pois vos tenho maltratado,
Hoje chego a vossos pés
Corrido, e envergonhado.

VI.

Eu fui, meu Jesus, o Judas,
Que com o beijo de paz,
Pela ambição do dinheiro,
Vos entreguei a Caifaz.

VII.

Venha sobre mim o Calis,
Que vosso Pai vos ordena;
Já que eu fui o delinquente,
He justo que sinta a pena.

VIII.

Essas cordas, meu Jesus,
Com que fostes maniatado,
Quem as fez, quem as teceo
Foi meu enorme peccado.

IX.

Eu fui taõ ímpio, e tyranno,
Que á columna vos atei;
Passárão de cinco mil
Os açoutes, que vos dei.

X.

De mil agudos espinhos,
Meu Jesus, fostes croado,
De tão hórrido tormento
Eu sou, meu Deos, o culpado.

XI.

Essa injuriosa capa
Eu vos vesti, meu Senhor,
Foi com que eu vos paguei
Da Redempção o favor.

XII.

E julgando serem poucas
As affrontas, meu Jesus,
Esse madeiro pezado
Nos vossos hombros eu puz.

XIII.

Foi tanta a minha maldade,
Deos, e Homem verdadeiro,
Que não descancei sem vêr-vos
Pendente nesse madeiro.

XIV.

De vos vêr tão maltratado,
Meu Jesus, me peza tanto,
Q' o coração pelos olhos
Desejo verter em pranto.

XV.

Vos peço misericordia
Por vossa summa Bondade,
Pois he minha protectora
A Virgem da Piedade.

XVI.

Vos peço, minha Senhora,
Maria cheia de graça,
Desse inimigo infernal
Eu saiba fugir da traça.

XVII.

Lembrai-vos, Senhor, de mim
Naquelle tremendo dia,
Naquella arriscada hora
Sêde, Jesus, minha guia.

XVIII.

Pelo precioso leite
De Maria, doce bem,
Lançai-me a vossa benção
Para todo sempre. Amen.

TER-

TERCEIRO
RAMALHETE.

I.

UNica, e pura Trindade,
Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Prestai a meu rude canto
Melliflua suavidade:
Minha horrorosa maldade
Riscai, riscai da lembrança;
E em vossa fiel balança,
Pondo a pezo o meu pezar,
Vereis, que em Vós me salvar
Eu tenho firme esperança.

II.

O' Vós, Sagrada Maria,
Mãi de Deos, minha Senhora,
A meus versos nesta hora
Influi doce harmonia:
Dai-me terna melodia,
Tocante, suave emoção;
Sim, ó grande Deos d'Abrahão
Minha Musa soccorrer
Mandai, que eu vou discorrer
Na vossa Morte, e Paixão

III.

Ah! oh Ceos! que será isto?
He Angelico soccorro:
Eu pinto, eu canto, eu discorro
Na morte de Jesu Christo:
E com fervor já mais visto,
Affecto, e zêlo sincéro,
Contemplando o rigor féro
De sua Paixão Sagrada,
Transtornar da vida errada
Nella eu confio, e espero.

IV.

Confio, meu Redemptor,
Se vossas Leis observar,
Que Vós haveis perdoar
O meu execrando error:
Espero, sim, meu Senhor,
Com perfeita contrição
Por vossa Sacra Paixão,
Eterna, e summa Bondade,
Para minha iniquidade
Conseguirei o perdão.

V.

Bem sei que com desatino
Vossos preceitos quebrei,
Té agora incauto observei
Os systemas de Calvino:
Confesso sempre ferino
Solicitei vosso aggravo,
Que fui qual Luthero bravo,
Que vossas Leis transgredio,
Q' ingrato de Vós fugio
Sou, meu Deos, aquelle escravo.

VI.

Sou quem da infame torpeza
Andou sempre atado ao carro,
Perverteo, sendo vil barro,
A ordem da natureza:
Sim, não rebuço a vileza
Do meu coração impuro,
Pois com genio máo, e duro
Ao terno de vosso Amor,
Eu fui qual Judas traidor
Tão desleal, e perjuro.

VII.

Sou quem foi da liviandade
Objecto ímpio, e detestavel,
Aborto o mais execravel
Da humana fragilidade:
Sou quem na vã mocidade
Em vez que então exercéra
Ermitica vida austera,
Ardeo tão lenta a vontade
No fogo da Caridade,
Que para os vicios fui cera.

VIII.

Eu vejo, eu sei, eu conheço
A minha barbaridade,
Ah! por vossa Divindade
Perdoai meu louco excesso:
Que hoje a vossos pés confesso,
Protesto, assevero, e juro
Foi meu coração impuro
Em desigual parallelo,
Para as culpas brando gelo,
Para amar-vos bronze duro.

IX.

De Vós, meu Deos, não escondo
Quanto em meu seio se passa,
A minha fatal desgraça
Vergonhoso vou expondo:
Sou feto o mais hediondo
Que a terra de si lançou,
E a natureza abortou;
Porque inda mais inhumano
Do que foi Valeriano
Eu vos confesso que sou.

X.

X.

Ah! meu Senhor, eu sou réo,
Mereço exemplar castigo,
Pois sempre vosso inimigo
Ultrajei a terra, e Ceo:
Mas hoje que já c'o véo
da Contrição me revisto,
Com pezar já mais previsto
Confesso, agora he que sei,
Sois meu Pai, meu Deos, meu Rei,
Meu Senhor, meu Jesu Christo.

XI.

Mas ah! que esta confissão
Quasi he tarda, meu Senhor,
Pelo que he justo o furor
Da vossa indignação:
Sei não merece perdão
Meu brutal viver terrivel,
Porque eu surdo, e insensivel
Aos vossos gratos favores,
Fui, e sou dos peccadores
O peccador mais horrivel.

XII.

Qual ímpio Diocleciano
Eu fui, oh Ceos! na crueza;
Como Decio na fereza,
Ingrato qual Adriano:
Do cruel Maximiano
Fui modélo, e sou, resisto,
Conferindo-se por isto
Fui, e sou a creatura
Mais barbara, e mais perjura,
Que no mundo se tem visto.

XIII.

Fui, e sou o peccador
Mais pérfido, e fementido,
Que d'humanos ha nascido
Nas trévas do cego error:
Esta verdade, Senhor,
Que estais em minha alma lendo,
Tambem vos está dizendo,
O meu semblante manchado
Com as nodoas do peccado,
Sou, meu Deos, hum monstro horrendo.

XIV.

Por minha molle indigencia,
(De que me confundo, e pejo)
Ardeo meu bruto desejo
Na infernal concupiscencia:
Sempre fiz tal complacencia
Da frouxa, e debil preguiça,
Que sem da vossa justiça
Temer os golpes fatais,
Vivi té agora não mais
Que engolfado na preguiça.

XV.

Nunca a lembrança do Inferno
Fez esta alma estremecer,
Nem meu coração tremer
O vosso podêr eterno:
Mas sempre do stygio Averno
Sorvendo as lobregas fezes
Quasi, oh Deos! seiscentos mezes
Por palavras, pensamentos,
Por obras a milhar centos,
Pequei, não tem conto as vezes.

XVI.

Na cegueira do peccado
Té agora tenho vivido,
Das finezas esquecido
D'hum Deos por mim humanado:
Sempre estive dominado
Da ociosa preguiça,
E d'avarenta cubiça;
E desde que a razão vi,
As vossas Leis transgredi,
Sem temer vossa justiça.

XVII.

Cada vez mais offender-vos
Procurei sempre té agora,
Sem reservar huma só hora
Para amar-vos, e temer-vos:
E porque corresponder-vos
Infiel inda hoje trato,
Quando devêra ser grato
A vossos meigos amores,
Bem demostro nos rigores
Sou, meu Jesus, muito ingrato.

XVIII.

Sou quem do lodo sahio
Para terror do Universo,
Porque fui o mais perverso
Peccador, que o Mundo vio:
Em mim sempre existio
A malicia, e o peccado,
Elle me ha transfigurado
Qual outro Codro infiel,
Mais que Nadab cruel,
Pois vos tenho maltratado.

XIX.

Sempre desobedeci
A's vossas Leis, meu Jesus,
Logo que a primeira luz
Da razão aos olhos vi:
Eu violei, ah! eu rompi
Os santos preceitos dez,
Que entregastes a Moysés;
Sou réo, mereço castigo,
Mas vêde que vosso amigo
Hoje chego a vossos pés.

XX.

Dos vossos pés me não vou
Sem vossa benção, Senhor,
Que se hontem fui peccador,
Já penitente hoje sou:
E tão contrito aqui estou,
Que do meu proprio peccado
Confundido, e aterrado
A' vossa Face me vejo
Cheio de horror, e de pejo,
Corrido, e envergonhado.

XXI.

Não, meu Jesus, eu não calo
Das minhas culpas o horror,
Sou misero peccador,
Com lizo coração fallo:
Nestas lagrimas que exhalo,
Explico por linguas mudas,
Que c'o as traições mais agudas,
E inventos da ingratidão
Da vossa entrega, e prisão
Eu fui, meu Jesus, o Judas.

XXII.

Quanto vosso Amor se empenha
Em requintes de amoroso,
O meu genio aleivoso
De ingrato excessos desdenha:
Pois com fraudulenta senha
Não achou mais efficaz
Idéa, astuta, e tenaz,
O odio que o peito encerra,
Para demandar-vos guerra,
Que com o beijo de paz.

XXIII.

Logo eu sou d'Orbe rotundo
O peccador mais perverso,
Nascido já lá do berço
O primeiro sem segundo:
Ligado aos vicios do Mundo
Sou quem vivi prisioneiro,
O meu genio interesseiro
Tornou-me ao ser, e figura
Do avarento da Escritura
Pela ambição do dinheiro.

XXIV.

Té ao ponto desta idade
Não tenho lembranças nobres,
Abrir para os vossos pobres
As mãos com urbanidade:
Frouxo, e tibio á caridade,
E só no odio voraz
Com malicia a mais tenaz,
E o mais execrando error,
Qual o Discipulo traidor
Vos entreguei a Caifaz.

XXV.

Minha maldade he notoria,
Della vos peço perdão,
Para do infernal Dragão
Alegre cantar victoria:
E porque da vossa Gloria
Eu goze os amenos vallis
Dos vossos acerbos malis,
Ancias crueis, penas duras,
Tristezas, e amarguras,
Venha sobre mim o Calis.

XXVI.

Mas ah! he vão meu pedir!
Que a Lei santa manda, e quer
O justo vá padecer
Para o culpado remir:
Ide a sentença cumprir,
Que ao martyrio vos condemna
Em satisfação da pena
Do homem, réo formidavel,
Que he preceito inviolavel
Que vosso Pai vós ordena.

XXVII.

Elle assim manda, pois quer
Sejais o meu Redemptor,
Mas se eu sou o transgressor
O castigo devo ter:
Morte he justo padecer,
Que sou réo, Vós innocente;
E com a pena conducente
Ao delicto commettido,
He bem que eu seja punido,
Já que fui o delinquente.

XXVIII.

XXVIII.

Sim, a pena eu só mereço
Que irado o Pai vos destina,
Pois já mais vossa Doutrina
Segui, meu Jesus, confesso:
Mas hoje humilde vos peço
Transfira-se a mim a scena,
Que a Vós cruel morte ordena,
Pois quanto vos abusei
Da vossa severa Lei
He justo que sinta a pena.

XXIX.

He justo que eu sinta o dano
Da infiel transmutação,
Que sendo por lei Christão
Fui nos vicios Ariano:
Do apóstata Juliano
Seguir a scysma propuz,
E cégo á Divina Luz
Des d'a incauta puericia,
Vos teceo minha malicia
Essas cordas, meu Jesus.

XXX.

XXX.

Noite, dia, hora, e minuto
Não passei sem que peccasse,
Devêra a gente me olhasse
Como a selvático bruto:
Do cão Cerbero astuto
Quasi estive devorado,
E na teia do peccado,
Em que liado vivi,
As duras cordas teci,
Com que fostes maniatado.

XXXI.

O' miseria! que loucura
Do meu infame viver!
Sem temor, nem pejo ter
De sensivel creatura:
Da minha lingua a soltura
Foi que ingrata vos prendeo;
N'huma palavra, Deos meo,
Essas cordas, e correntes
Forão meus vicios pungentes
Quem as fez, quem as teceo.

XXXII.

Ah! pelo excessivo error
Da minha infidelidade,
Da vossa severidade
Sobre mim venha o rigor:
Que quem vos pôz, meu Senhor,
No deploravel estado
Em que estais, roto, e chagado,
Não foi o tédio Judaico,
Nem rancor, ou odio Hebraico,
Foi meu enorme peccado.

XXXIII.

Sim, porque ingrato, e infiel
Sempre a vossos mandamentos,
Segui os dogmas cruentos
De Salé, Tunes, e Argel:
Sim, porque eu fui tão cruel
Como Públio Daciano;
Fui tão pérfido, e inhumano
Como o soberbo Tarquino,
E como o féro Justino
Eu fui tão ímpio, e tyranno.

XXXIV:

Eu fui hum monstro gerado
Nas entranhas da crueza,
Nascido lá n'aspereza
Do monte mais embrenhado:
Bruto fui tão obstinado,
Que os preceitos quebrantei
Da Santa, e Divina Lei,
Que a vossa Graça me impôz,
Sendo o verdugo, e algoz
Que á Columna vos atei.

XXXV.

Que sacrilegio fatal!
Que cegueira dos meus vicios!
Esquecer me aos beneficios
Da vossa mão liberal!
Oh que loucura total!
Que opposição incivil!
Pois quando insensato, e vil
A' Columna vos atei,
Os açoutes que vos dei,
Passárão de cinco mil.

XXXVI.

XXXVI.

Foi tyrannia cruenta!
Que os açoutes que então davaõ,
Se a trinta e nove chegavão,
Não excedião de quarenta:
E se hum só mais não se augmenta
Por limitação da Lei,
Ah! que o Deicidio que obrei,
Desculpas não admitte,
Pois passárão do limite
Os açoutes que vos dei.

XXXVII.

Logo dúvida não tem
Pelo escandalo, e horror,
Sou o mais vil peccador
Que em si a terra sustem:
Pois transmutando em desdem
A ternura dos carinhos,
De duros juncos marinhos
Essa Corôa compuz,
Que na cabeça vos puz,
De mil agudos espinhos.

XXXVIII.

E quem houvera inventar
Tormento com tanto assédio?
Só a inveja, a ira, o tédio
O poderia innovar:
O Orbe deve pasmar
De tão sevéro attentado,
Vendo vos que abandonado
Com desprezo, e ironía,
Como Rei de zombaría,
Meu Jesus, fostes coroado.

XXXIX.

Eu fui o ímpio assassino,
Que dessas Sagradas Frontes
Por setenta e duas fontes
Fiz correr Sangue Divino:
Ah! de excesso tão ferino
Eu fui o duro instrumento!
Que só eu, vil, fraudulento,
Miserrimo peccador,
Pudéra ser extructor
De tão horrído tormento.

XL.

E que tormento? o mais forte
Que o Mundo té agora vio:
A fereza o instituio
Com semelhança de morte:
Ah! que eu sou quem desta sorte
Vos pôz tão dilacerado!
Que como vil alliado
Me fiz do Cesar Tiberio,
Desta affronta, e vituperio
Eu sou, meu Deos, o culpado.

XLI.

O meu pérfido viver
Sempre em desconcerto igual,
He causa, origem total
Desse vosso padecer:
Havia assim succeder,
Que já lá de breve mappa
Da pobre, e ditosa Lapa
Onde nascestes humanado,
Vos tinha o odio talhado
Essa injuriosa capa.

XLII.

Da culpa do Homem primeiro
Sei que Vós, terno Jesus,
Com sangue, e morte de Cruz,
Remiste o meu cativeiro:
Mas correspondi grosseiro
Ao fino do vosso amor,
Pois como a vil impostor
De infame ésta croada,
Essa púrpura rasgada
Eu vos vesti, meu Senhor.

XLIII.

A fereza dos Judeos
D'espinhos vos coroou,
Mas foi quem os fabricou
Os grandes peccados meos:
Que sem provêr sois meu Deos,
Dos seculos immortal Rei,
(Como transgressor da Lei)
De vosso amor as finezas,
Com aggravos, e ferezas
Foi com que eu vos paguei.

XLIV.

E já mais nunca lembrando
Vossos gratos beneficios,
Fui té hoje em torpes vicios,
A brutal vida passando:
De hora em hora transmutando
Os carinhos em rigor,
Vertendo em odio o amor,
E no desprezo o affago,
Eis-aqui com que vos pago
Da Redempção o favor.

XLV.

Deste modo assim mal pagos
Os vossos meigos amores,
Satisfiz só com rigores
Os vossos ternos affagos:
De mil pensamentos vagos
Dando assenso a idéas loucas,
Estudei cruezas oucas
Horas, minutos, instantes,
Como não sendo bastantes,
E julgando serem poucas.

XLVI.

Com susto, assombro, a intervallos
O dia, e noite passava;
Mas ah! que os erros que obrava,
Mais pertendia augmentallos:
E huma vez que numerallos
Intentei, quiz, e me expuz,
Huns visos da vossa Luz
A' memoria me dizião,
Que do algarismo excedião
As affrontas, meu Jesus.

XLVII.

Destino fatal o meo!
Sorte adversa, e cruel!
Que esta alma nunca fiel
Já mais vos obedeceo!
Oh! se eu hoje hum Cyreneo
Fôra amante, e magoado!
Porque então menos curvado,
Caminhando a passo breve,
Vos ficasse sendo leve
Esse madeiro pezado.

XLVIII.

Minha soberba perjura,
Preguiça, gula, avareza,
Ira, inveja, com fereza
Vos maquinão morte dura:
A minha luxuria impura
Tão misero vos reduz,
Que nesse lenho da Cruz,
No rio Cédron achado,
O onus do meu peccado
Nos vossos hombros eu puz.

XLIX.

E se atormentado assim
Padeceis quando innocente,
Eu que sou o delinquente,
Senhor!.. que será de mim?..
Oh tenha, tenha já fim
Minha vasta iniquidade;
Porque eu fui na impiedade
Outro Alexandre Severo,
E mais que a de Galba, e Nero
Foi tanta a minha maldade.

L.

Forão tantas as durezas
Do meu viver sempre ingrato,
Que fui espelho, e retrato
Das mais nefandas torpezas:
Mas se então vossas finezas
Recompensei tão grosseiro,
Hoje (não mais lisonjeiro)
Vos consagro affecto sério,
Pois incluis com mysterio
Deos, e Homem verdadeiro.

LI.

Sei foi preciso a Thomé
Vossas mãos, pés, lado vêr,
Para então firme em Vós crêr
Com liza, e constante Fé:
Ao contrario eu, vil José,
Que para mais offender-vos,
Procurei só conhecer-vos
Pela fama dos progressos,
Pelo que fiz taes excessos
Que não descancei sem vêr-vos.

LII.

E c'o a lança do peccado,
Aguçada pelo error,
Impávido, e sem temor
Vos rasguei o Sacro Lado:
Mas com igual ao Soldado,
Que fôra cégo primeiro,
De Homem, e Deos verdadeiro
Vos tributo acclamações,
Se bem que entre dois ladrões
Pendente nesse madeiro.

LIII.

Quanto os sentidos applico
No sacro composto vosso,
Menos contemplar vos posso,
Quando extático mais fico:
A final vos certifico
Que perplexo, e allucinado,
Quanto nesse aberto lado
Compassiva a vista imprimo,
Mais me confundo, e lastimo
De vos vêr tão maltratado.

LIV.

Que triste situação!
Que espectáculo tão triste!
Que mágoa! que pena existe
No seio do coração!
Já da pura contrição,
Cuberto com o véo santo,
Com assombro, horror, e espanto
Assevero confundido,
Quanto vos tenho offendido,
Meu Jesus, me peza tanto.

LV.

As correntes quebro, e piso,
Que arrastei preso té agora;
Mas para a dor q' alma chora,
Justa expressão não diviso:
Do que julgo ser preciso,
Com suspiros, e ais a mólhos,
Para expôr que sem refolhos
O meu interno pezar
Não devo menos mostrar,
Que o coração pelos olhos.

LVI.

Só assim, pois tenho sido
Marmore, bronze inflexivel,
O bruto mais irascivel,
Que as brenhas tem produzido:
E porque tenho offendido
Hum Deos, que he tres vezes Santo,
Em prova de pezar tanto,
Que iguale á ingratidão,
Este duro coração
Desejo verter em pranto.

LVII.

Protesto já sem demora,
Humilhado a vossos pés,
Nunca mais huma só vez
Vos offenda alguma hora:
Que se comvosco té agora,
Tenho vivido em discordia,
Para que em paz, e concordia,
Meu Jesus, vos ame eterno,
Com pezar nesta alma interno
Vos peço Misericordia.

LVIII.

Com suspiros abrazados,
Gemidos, e ais contritos,
Confesso-vos meus delitos
Esquecidos, e lembrados:
Sim, de todos os peccados
Que na preterita idade,
Por minha fragilidade,
Fiz em toda a occasião,
Vos peço humilde o perdão
Por vossa summa Bondade.

LIX.

A Virgem pura Maria,
Filha de Anna, e de Joaquim,
He de quem me valho em fim
Para sempre neste dia:
Presento-vos por valia
Vossa Mãi, (minha Senhora)
Ella he quem vos pede agora
Com ternura, e doce amor,
Por este vil peccador,
Pois he minha Protectora.

LX.

O vosso Pai putativo,
O grande Santo José,
Como meu Patrono que he,
Por mim vos pede effectivo:
Ouvi seu rogo attractivo,
Vêde se á minha humildade
A vossa grata bondade
Tanto bem me não concede,
Com José por mim vos pede
A Virgem da Piedade.

LXI.

Ella he Arca d'Alliança,
Refugio dos peccadores,
Archivo dos meus amores,
Centro da minha esperança:
Ah! Maria! pois se alcança
Por Vós mil dons cada hora,
Para sempre já d'agora
Do vosso Filho Jesus
Alcançai-me auxilio, e luz,
Vos peço, minha Senhora.

LXII.

O Altissimo, e Poderoso
Vos fez bella, e especiosa,
Cedro, Palma, Oliva, Rosa,
E Cinamómo cheiroso:
Qual o Platano frondoso
Sois junto d'agua, e na Praça;
E porque vossa Alma abraça
Virtude mais que de Anjo,
Vos acclamou o Archanjo,
Maria cheia de Graça.

LXIII.

Maria de Graça cheia,
Vós sois o mimoso objecto
Por quem com ardente affecto
Amante esta alma se enleia:
Livrai-me da maga ideia
Do habitador avernal,
E como escudo total
Livrai-me das tentações,
Espectros, e illusões
Desse inimigo infernal.

LXIV.

LXIV.

Fazei que sem embaraço
De creatura vivente,
Descance esta alma contente
No vosso puro regaço:
E antes que do vital laço
Transporte o alento faça,
Ungi-me com vossa graça,
Divino, e immenso attributo,
Porque do Trifauce astuto,
Eu saiba fugir da traça.

LXV.

Divina Aurora Nascente,
Brilhante, escolhido Sol,
Sêde meu Norte, e farol,
Estrella, e luz permanente:
E Vós, Soberano Ente,
Immenso, Eterno, e sem fim,
Escutai-me, porque assim
Qual Dimas (feliz ladrão)
Clamo a Vós de coração,
Lembrai-vos, Senhor, de mim.

LXVI.

Que eu me lembro, a me remir
Vieste á terra Homem morrer,
Lembro-me hei de fenecer,
E haveis julgar-me, e punir:
Lembro-me tornareis vir
Com lustrosa companhia
Da Celeste Hierarchia;
Mas sendo Cordeiro, então
Vos verei bravo Leão
Naquelle tremendo dia.

LXVII.

Dia de susto, e amargura!
Espanto, horror, confusão!
Quando alma rasgar então
Deste corpo a ligadura!
Espero alli, Virgem pura,
(Como minha Defensora)
Me dareis, terna Senhora,
Com Jesus, e S. José,
Luz, amor, constancia, e Fé
Naquella arriscada hora.

LXVIII.

LXVIII.

Jesus, Maria, José,
Não vos separeis de mim,
Que o meu espirito em fim
Já consternado se vê:
Ah! sim, julgo que hoje he
Do prazo o extremo dia!
E porque em dura agonia
A sorte está indecisa,
Nesta jornada precisa
Séde, Jesus, minha guia.

LXIX.

Que em mim contemplo a verdade
Ser a vida transitoria,
Pois já se turba a memoria,
O entendimento, e vontade:
A Santissima Trindade
O afflicto espirito acceite
Por Maria, que he deleite
Das tres Pessoas iguaes;
De seus Peitos virginaes,
Pelo precioso leite.

LXX.

Aereos, e perturbados
Já presinto meus sentidos,
Estão surdos os ouvidos,
Os olhos quasi eclipsados:
Já de todos os peccados,
Que este bruto feito tem,
Me accuso, que assim convém;
E espero geral perdão,
Pelo terno coração
De Maria, doce bem.

LXXI.

Rugado, e pállido o rosto,
De todo extincto olfacto,
Quasi já perdido o tacto,
O paladar não tem gosto:
E porque julgo disposto
Dilacerar-me o Dragão,
A vossa Morte, e Paixão
Me valha em tão arduo lance;
E porque a Gloria alcance,
Lançai-me a vossa benção.

LXXII.

A minha alma intercadente
Vos roga, Cordeiro man,
Lhe deis ó eterno descan,
E a todo o mortal vivente:
Aos humanos geralmente
A vossa Gloria convém;
Porque na posse d'hum bem
A qùe nós tanto aspiramus,
Cantemos... Te Deum laudamus...
Para todo o sempre. Amen.

PROTESTAÇÃO.

SE nos versos que escrevi,
Alguma heresia tem,
Detesto-a como convém
Já d'agora mesmo aqui:
Pois desd que me entendi
Até hoje os annos meos,
Abusei os erros seos;
Venerando em conclusão
No seio do coração,
Tres Pessoas, e hum só Deos.

GEMIDOS
D' HUM PECCADOR
PRANTEANDO AS OFFENSAS
COMMETTIDAS CONTRA
JESUS CRUCIFICADO.

RAMALHETE QUARTO,

OFFERECIDO

AO DIG.mo, E PRESTANT.mo SENHOR

FILIPPE JOSE' DE FARIA,

Doutor Desembargador, Intendente Geral do Ouro, Presidente da Meza da Inspecção, e Provedor d'Alfandega,

POR

JOSÉ CORTEZ SOL POSTO,
SOCIO BAHIENSE.

I.

MEu Jesus, a vossos pés
Chora agora arrependido
O peccador mais ingrato,
Que no Mundo foi nascido.

II.

E de não ter huma dor
Para o coração lançar
Derretido pelos olhos,
He maior o meu pezar.

III.

Pois sois tão Pio, e tão Bom,
E de tanta compaixão,
Que merecendo eu o inferno,
Me assegurais o perdão.

IV.

Nessa Cruz aonde estais
Todo ferido, e chagado,
Para me dares a vida
Morrestes crucificado.

V.

Quem soubera, meu Jesus,
Tal fineza conhecer,
Porque então nem levemente
Quizera vos offender.

VI.

Dai-me, meu Deos, e Senhor,
Huma dor tão vehemente,
Que o coração em pedaços
Desfaça por Vós sómente.

VII.

Dai-me esses vossos espinhos,
Com que fostes coroado,
Dai-me esse Peito ferido,
Esse Coração rasgado.

VIII.

Dai-me tambem esses cravos;
Com que Vós fostes cravado
Nesse madeiro da Cruz,
Sómente por meus peccados.

IX.

Pois só assim poderei
Ajudar-vos a sentir
Tantas dores, que soffrestes
Sómente por me remir.

X.

Já d'agora vos prometto,
Fiado na vossa Bondade,
Desprezar por vosso amor
Do Mundo a céga vaidade.

XI.

Pois nem mais quero outro objecto
Senão querer-vos sómente;
E de mais não vos querer
Me peza interiormente.

XII.

Que nem o temor do inferno,
Nem a Gloria merecida,
Não me obriga a vos querer,
E nem a emendar a vida.

XIII.

Sómente me obriga vêr-vos
Nessa Cruz escarnecido,
Todo d'espinhos cravado,
Todo chagado, e ferido.

XIV.

Que se não houvesse inferno,
Eu sempre vos temeria,
E quando faltasse a Gloria,
Firme assim vos amaria.

XV.

E a vossos pés prostrado,
Todo morrendo d'amor,
Por victima o coração
Vos immolára, Senhor.

XVI.

As minhas culpas, Senhor,
Pozerão-me em tal estado,
Que não mereço perdão;
Valei-me, Deos humanado.

XVII.

Valha-me a vossa Clemencia,
Valha-me a vossa Bondade,
Valha-me em fim vosso Amor,
Que he de infinita piedade.

XVIII.

Pelas vossas cinco Chagas,
Pelos martyrios da Cruz,
Pela Sagrada Paixão,
Perdoai-me, meu Jesus.

XIX.

E por Maria Divina,
Vossa Mãi, que amo, e venero,
De todos os meus peccados,
Senhor, o perdão espero.

XX.

Na vossa Misericordia;
Onde tenho o maior bem;
Espero remedio achar
Para todo o sempre. Amen.

QUAR-

QUARTO
RAMALHETE.

I.

EU sou o mais vil humano,
Aborto do Universo,
Que logo cégo do berço
Adorei as leis do engano:
Eu sou o Leão hyrcano,
Que tanto estrago vos fez;
Eu sou o infame Cortez,
Que longe aos dourados ferros,
Hoje detesta seus erros,
Meu Jesus, a vossos pés.

II.

II.

Para cabal recompensa
Do vosso justo furor,
N'alma infundi me huma dor
Que igual seja á mesma offensa:
Pois hoje á vossa presensa
Meu coração abatido,
Vendo quão nescio, e perdido
Só Idolos falsos amou,
Glorias vãs que então cantou,
Chora agora arrependido.

III.

Ah! por vossa humanidade,
Senhor, cheia de ternura,
Por vossa Mãi, Virgem pura,
Perdão desta alma; piedade:
Que se hontem fui da maldade
Escandaloso retrato,
Inspirai-me hum genio grato,
Que seja d'hoje em diante
De Vós o mais fino amante,
O peccador mais ingrato.

IV.

Ouvi trepidante hum réo,
De lagrimas feito hum mar,
Seus delictos confessar
Por vosso maior trofeo:
Saiba a Terra, veja o Ceo,
Que hum monstro sou, produzido
No bosque mais escondido;
Fui, e ainda sou Tigre fero,
E o mais indomito Nero,
Que no Mundo foi nascido.

V.

Mas por minha ingratidão
Se devo banido ser,
Tambem me faz merecer
O vosso Sangue o perdão:
No seio do coração,
Com vehemente fervor,
Peza-me, amavel Senhor,
Quanto vos soube aggravar,
Não ter nesta alma hum pezar,
E de não ter huma dor.

VI.

Conheço, adoravel Bem,
Por vossas Leis transgredir,
Com razão deveis punir
O meu barbaro desdem:
Conheço sois Vós só quem
Me póde interno gravar
N'alma hum ardente pezar
Para as entranhas romper,
Para o lado abrir, fender,
Para o coração lançar.

VII.

Nelle então lereis, Senhor,
Quatro letras exculpidas,
Que explicão, bem construidas,
O fino do meu amor:
Mas por mais claro propôr
Meu affecto he sem refolhos,
Com suspiros, e ais a mólhos,
Quero em lagrimas sem par
O coração distillar
Derretido pelos olhos.

VIII.

Bem sei inda que meu pranto
Seja (como he) tão amargo,
Poderá não ser tão largo,
Que iguale ao de Pedro Santo:
Mas ah! se não sobe a tanto
Meu frouxo, e escasso chorar,
Vêde se no meu peccar
Fui Nabuchodonosor,
Mais que a sua grande dôr
He maior o meu pezar.

IX.

Sei que com longos retiros
Dos vossos ternos affagos
Fugi por caminhos vagos,
Dispersos, e errados giros:
Mas hoje de meus suspiros
Se vos move o rouco tom,
De lagrimas dai-me o dom,
Que inunde a minha maldade;
Fazei-me esta caridade,
Pois sois tão Pio, e tão Bom.

X.

N'algum tempo, meu Deos vivo,
Ereis Vós (memorias ha)
O Deos, Leão de Judá,
Deos guerreiro, e vingativo:
Mas hoje humano, e passivo,
Sois o Deos de Redempção,
Deos de paz, de salvação,
Deos de amor, Deos de doçura,
Deos tão cheio de ternura,
E de tanta compaixão.

XI.

Pelo que, meu bom Senhor,
Perdoai o meu delito,
Que o coração já contrito
No peito estala de dor:
Fazei justo hum peccador,
Pois tendes poder eterno,
Que eu não sei tenhais, Pai terno,
Lance de maior trofeo,
De em premio dares-me o Ceo,
Que merecendo eu o inferno.

XII.

Eu bem sei, eu bem conheço,
Pelas culpas que então fiz,
Dores de inventos subtiz
No inferno penar mereço:
Mas que temo? que esmoreço?
Se Vós pela contrição,
Vendo já na mansidão
Servo humilde este Urso bravo,
Olvidando o proprio aggravo
Me assegurais o perdão?

XIII.

Ah! Senhor, quanto andei cégo,
Tropeçando a cada passo!
Quasi, quasi a breve espasso
Naufragante no órco pego!
Não me desculpo, não nego
Que minhas culpas carnaes,
Os meus vicios sensuaes,
O meu horrido peccado,
He quem vos póz subprezado
Nessa Cruz aonde estaes.

XIV.

Meu Jesus, he bem verdade,
O meu amor vos prendeo,
Mas ah! quem morte vos deo
Foi o odio, a iniquidade:
Por mãos da minha maldade
Em huma columna atado,
Ficou depois de açoutado
O vosso humano composto,
Corpo, mãos, pés, lado, e rosto
Todo ferido, e chagado

XV.

Cinco mil açoutes duros,
Manso Cordeiro, soffrestes,
Huma só queixa não déstes
A'quelles Lobos perjuros:
Mas cheia de affectos puros,
D'amor vossa Alma incendida,
Por fineza a mais subida,
Na Cruz em doce transporte,
Em braços tomaste a morte
Para me dares a vida.

XVI.

Oh! se em satisfação
De ter vivido mal tanto,
Bárjôna fôra no pranto,
E Saulo na compunção!
Pois pelo crime de Adão,
Que o Mundo havia infestado,
C' o veneno do peccado,
Não Divino, e Omnipotente,
Mas sim misero vivente
Morreste Crucificado.

XVII.

Soberbo primariamente
Foi Lusbel quando celeste,
Depois Adão qual terreste
Errou desobediente:
Eu, como seu descendente,
Contra vossas Leis me oppuz,
Mas hoje co' a vossa Cruz
Abraçado de joelhos,
Seguir vossos tres conselhos
Quem soubera, meu Jesus.

XVIII.

Sim, meu Jesus, quem soubera
Guardar vossos Mandamentos,
Que já mais por pensamentos,
Nem sombras vos offendêra:
Sim, meu Senhor, quem tivera
De hum Agostinho o saber,
Para assim melhor podêr
Que o venéreo Salomão,
Da vossa Morte, e Paixão
Tal fineza conhecer.

XIX.

Dai-me por vossa Bondade
Memoria, e conhecimento,
Juizo, entendimento,
Lisa Fé, prompta vontade:
Que se lá da tenra idade
(Amavel tempo innocente)
Gravados n'alma presente
Vossos preceitos tivera,
Tanto não vos offendêra,
Porque então nem levemente.

XX.

Ser a vida transitoria
Nunca hum hora meditei,
Nem attento contemplei
Nos gozos da eterna Gloria:
Nunca aos olhos da memoria
Do Inferno me expuz a vêr,
Nos tanques de fogo arder
Negros espectros medonhos,
Que então nem por leves sonhos
Quizera vos offender.

XXI.

Eu fui hum Acab cruel,
Mas hoje he só meu projecto
Amar-vos com firme affecto
Igual ao de Daniel:
E por frondente laurel,
E timbre do meu amor,
Hum espinho por favor
Da vossa Crôa bemdita,
Assim como déste a Rita,
Dai-me, meu Deos, e Senhor.

XXII.

Eu bem sei que não mereço
Minha súpplica escuteis,
Mas sim Juiz castigueis
Os meus delictos confesso:
Porém como a Pai vos peço,
Já pródigo obediente,
Que me deis, oh Deos Potente!
Em recompensa da pena,
Igual á da Magdalena,
Huma dor tão vehemente.

XXIII.

Só Vós podeis, meu Senhor,
Gravar no meu coração
Huma pura contrição
Para chorar meu error:
Fazei que a impulsos da dor
Expire entre vossos braços,
Pois nelles sem embaraços
Para expôr-vos meu pezar,
Não devo outra prova dar
Que o coração em pedaços.

XXIV.

Mas nem assim desta sorte
Commutada fica a offensa,
Não he igual recompensa
Ao vosso amor fino, e forte:
Logo pois se he só a morte
Satisfação concludente,
Dai-me dor tão vehemente,
Tão negras, e internas mágoas,
Que os olhos em fontes d'agoas
Desfaça por Vós sómente.

XXV.

Dai-me esforço com que possa,
Longe do infernal perigo,
Superar o inimigo
Que assim esta alma destroça:
E já que eu fiz essa vossa
Crôa de juncos marinhos,
Porque com ternos carinhos
Vos teção os meus amores
Huma grinalda de flores,
Dai-me esses vossos espinhos.

XXVI.

XXVI.

Que delles huma formosa
Capella quero erigir,
Para com ella cingir
Minha cabeça vaidosa:
E já q'alma valerosa
O grilhão pisa quebrado,
Do venenoso peccado,
Oh Deos! segunda Pessoa,
Prestai-me hoje essa Corôa,
Com que foste corôado.

XXVII.

Sim, meu Jesus amoroso,
A vossos pés aqui está
Hum monstro, que outro não ha
Na terra mais horroroso:
Hum trato, a ambos vantajoso,
Na idéa tenho elegido,
Ouvi bem, tende sentido,
Vêde se vos quadra, ou não:
Tomai-me este coração,
Dai-me esse Peito ferido.

XXVIII.

XXVIII.

Dai-mo já, e sem detensa,
O negocio concluamos,
Que nelle nós dois ganhamos,
Eu honra, e Vós gloria immensa:
Dai-me tambem por defensa
Contra o gigante peccado,
Vosso amante, e aberto Lado,
Rotos pés, e mãos fendidas;
Essas entranhas partidas,
Esse coração rasgado.

XXIX.

Finezas taes não mereço
Que por mim vosso amor faça,
Se bem que co'a vossa Graça
Já nova vida começo:
Por serdes quem sois vos peço
Olvideis meus desdens bravos,
E para terror de aggravos
D'huma alma, a Vós tão ingrata,
Como os déste a Liberata,
Dai-me tambem esses cravos.

XXX.

XXX.

Fazei-me hum extracto seja
Desse Alcantara penitente,
Que agrade por innocente
A Vós, e á Romana Igreja:
Porque hum Domingos se veja
Em mim, no Lenho pregado
De amores, crucificado
Fazei seja o vil Cortez,
Com os mesmos cravos tres,
Com que Vós fostes cravado.

XXXI.

Concedei o meu pedido,
Pois já com vosso favor,
Qual Filleto encantador,
Sou Josias convertido:
Que se té agora perdido
Fui já Longuinhos sem luz,
Hoje por Vós, meu Jesus,
Quero ser André aspado,
Theodoro crucificado
Nesse madeiro da Cruz.

XXXII.

Hoje a vossos pés contrito,
Prosternado, e reverente,
D'hum Deos Justo, e Pai Clemente,
Geral perdão solicito:
Que d'original delicto
Se eu só nascêra empéstado,
Creio houvereis humanado,
Em vil presepio nascer,
Para n'huma Cruz morrer
Sómente por meu peccado.

XXXIII.

Assim pois, meu Redemptor,
Perdoai iniquidades,
Defeitos, e enormidades
Deste horrido peccador;
E porque observe, Senhor,
Como devo vossa Lei,
De auxilios, e graça me enchei,
Sufficiente, e efficaz,
Como déste a Thomaz,
Pois só assim poderei.

XXXIV.

XXXIV.

De indomitos peccadores
Vós altos Santos fizeste,
Ouvi pois este terreste
Pecador, hum dos maiores:
Concedei-me vossas dores
Breve espaço reflectir,
Que antes do alento expellir
Quero, assim como João,
A vossa Crucifixão
Ajudar-vos a sentir.

XXXV.

Esta a remuneração
Do meu terno, e pobre amor,
Este o innocente ardor
Da minha lisa oblação:
Valha-me para o perdão
Os suores que vertestes,
O Calis que Vós bebestes,
A sêde que proferistes,
Tantas irrisões que ouvistes,
Tantas dores que soffrestes.

XXXVI.

Que só assim não receio
A Tartara furia insana,
Porque a tomar carne humana
Viestes do Paterno Seio:
Por isso constante creio,
Sem questão que discernir,
Vindo em fim a concluir,
Se eu só fôra peccador
Houvereis morrer, Senhor,
Sómente por me remir.

XXXVII.

Estes saudaveis conselhos
A Igreja, e a Fé me ensina;
Esta he a santa doutrina
Dos Sagrados Evangelhos.
Eu abraço-os de joelhos,
N'alma os guardo, n'alma os metto;
A's vossas Leis me submetto;
E de fiel as observar
Até depois de expirar
Já d'agora vos prometo.

XXXVIII.

XXXVIII.

Sim, protesto sem demora,
Co'a vossa Divina Graça,
Penitencia dura faça
Té que chegue a final hora:
Já detesto, e lanço fóra
O tédio, a raiva, a maldade;
E de toda a enormidade
Do meu viver bruto, e fero,
Hoje ser perdoado espero
Fiado na vossa Bondade.

XXXIX.

Perdoai-me, Justo Deos,
Perdoai-me, Deos Clemente,
Perdoai-me, Deos Potente,
Todos os peccados meos:
Que á face da Terra, e Ceos
Com entranhavel ardor,
Juro, Infinito Senhor,
Que os fantasticos prazeres
Do Mundo, e seus vãos haveres
Desprezar por vosso amor.

XL.

Vosso amor só appeteço,
Nada mais quero do Mundo,
Pois com odio o mais profundo
Totalmente o aborreço:
Delle fujo, e já m' esqueço
Por toda a futura idade,
Basta toda a mocidade
Aos annos em que hoje estou,
Tanto tempo me vendou
Do Mundo a céga vaidade.

XLI.

Agora d' hoje em diante
Quero a Vós sómente amar,
Quero a vida por Vós dar
Affectuoso, e constante:
Já que brazonais d' amante
Acceitai meu firme affecto,
Porque vosso amor selecto,
Em que me recreio, e esméro,
Por meu objecto só quero,
Pois nem mais quero outro objecto.

XLII.

XLII.

Amar-vos he meu conceito,
Sempre fino, e sempre forte,
Inda muito além da morte
Liso, singello, e perfeito:
Pois o meu amante peito
Em quanto o influxo ardente,
E auxilio sufficiente
Da vossa Graça tiver,
Outra cousa mais não quer,
Senão querer-vos sómente.

XLIII.

Esta he a pura tenção,
Que move a minha vontade,
Pois me prende a liberdade
Vossa amavel condição:
Entrai no meu coração,
Que no centro haveis de vêr,
Depois de lá dentro ser,
Reconcentro alto pezar
De tão pouco vos amar,
E de mais não vos querer.

XLIV.

Só para desaggravar-vos
Das offensas que vos fiz,
Como hum Francisco d'Assiz
O meu desejo he amar-vos:
Eu me gozo de adorar-vos
Submisso assim reverente,
Mas ao passo que contente
De querer-vos faço alarde,
Ah! que d'amar-vos tão tarde
Me peza interiormente.

XLV.

Peza-me, fallo sincéro,
Mais cedo não vos amar,
Para mais cedo gozar
Hum bem que gozar espero:
Bem que quando o considero
Infinito, immenso, e terno,
Respeito, e amor interno
Me induz com mais simpathia,
Que nem do Ceo alegria,
Que nem o temor do Inferno.

XLVI.

XLVI.

Vosso amor he que me agita
O coração a querer-vos,
Amar-vos, e obedecer-vos
O vosso amor só me incita:
Nada mais me facilita
Por Vós dar gostoso a vida,
Nem a lembrança esquecida
Do terreal Paraizo,
Nem o Inferno assás precizo,
Nem a Gloria merecida.

XLVII.

Mas ah! quão louco, imprudente
Discorre minha memoria!
Quando vosso amor he gloria
D'hum coração innocente:
Vosso amor puro, e vehemente
(Como infinito em seu Ser)
Em minha alma faz arder
Tão fino, incendido affecto,
Que amor só, mais outro objecto
Não me obriga à vos querer.

XLVIII.

(Com tristes, e amargos prantos)
Os Celestes moradores,
Incitão os peccadores
A chorar delictos tantos:
Porém nem Anjos, nem Santos
Sem Vós tem força subida,
Qu' a hum' alma endurecida,
D' escarnada Atropos forte,
Lhe fação temer o corte,
E nem a emendar a vida.

XLIX.

Tremo, e não ouso dizer,
Que a minha constante Fé,
Mais firme que a de Thomé,
Parece inflexivel ser:
Que elle vio, vê, torna a vêr,
Toca o Lado para crêr-vos;
Mas eu para conhecer-vos
Por Deos unico, e infinito,
Palpar-vos não necessito,
Sómente me obriga vêr-vos.

L.

E a quem não obrigará
Tão modesto, e affavel Rosto?
Tão magestoso Composto
Quem não o respeitará?
A quem não demoverá
Hum Peito roto, e ferido?
Hum Corpo em chagas fendido?
Sendo alvo de vituperios,
Feito objecto de improperios,
Nessa Cruz escarnecido?

LI.

A quem não fará terror
Huma tão funesta scena!
Vossa Alma afflicta de pena
Fazendo garbo da dor!
Eu vos vejo por amor
N'hum lenho Crucificado,
D'angustias todo cercado
Vosso coração afflicto,
Vosso cérebro bemdito
Todo d' espinhos cravado.

LII.

E send' hum Deos Soberano
Ouvis com meiga pac'encia
A fraude, a maledicencia
Do povo ingrato, e tyranno:
Misero assim, pobre humano,
Vejo-vos triste, affligido,
Macerado, e denegrido,
Sendo com dores atrozes
Por seis cruentos algozes
Todo chagado, e ferido.

LIII.

Mas entre as ancias fataes
De tormento o mais severo;
Divino Rei vos venero
Humilde assim como estaes:
E se em castigo aos mortaes
Não destinasses o Averno,
Inda assim com amor terno
Vos amára (bem que lodo)
Desta fórma, e mesmo modo;
Que se não houvesse inferno.

LIV.

Não me julgues lisonjeiro,
Que as expressões são sincéras,
Pois que quem ama com véras
He no affecto verdadeiro:
Tanto assim, que se cordeiro
Vos visse no ultimo dia,
Inda a pezar d'alegria,
Qual Job d'alma no secreto,
Juiz magestoso, e recto
Eu sempre vos temeria

LV.

Que est' alma tanto s'esmera,
Meu Jesus, em vos amar,
Que só quer-vos agradar,
Recompensa não espera:
Mas sim protesta sincera
Com terna jaculatoria,
Qual Xavier por memoria,
Temer, e amar-vos, meu Deos,
Sem inferno haver, nem Ceos,
E quando faltasse a Gloria.

LVI.

Ah! quando a Gloria faltasse?
Errado quanto pensei!
Pois do vosso amor bem sei
A Gloria produz, e nasce:
Se eu attento a contemplasse
Loucura tal não diria,
Do Sol posto a outro dia
Em fervorosa oração,
Extremoso como Antão,
Firme assim vos amaria.

LVII.

Bem sei com minhas durezas
Vossos preceitos quebrei,
Rompi vossa branda Lei
Com desprezos, e cruezas:
Porém das vossas finezas
Agora já bem lembrado,
Dos meus vicios já quebrado
Vos presento hoje o grilhão,
Com os joelhos no chão,
E a vossos pés prostrado.

LVIII.

Acceitai o offrecimento
D'huma innocente vontade,
Vêde que he da liberdade
Despojo do vencimento:
Acceitai meu rendimento,
Alto Heróe triunfador,
Que este coração, Senhor,
Por Vós em hum fogo activo
Está (se bem que está vivo)
Todo morrendo de amor.

LIX.

Acceitai, ó Pai Clemente,
Na vossa Graça este filho,
Horror, e vil empecilho
D' humano Peito innocente:
Pois hoje ao impulso ardente
D'huma pura contrição,
Por mais candida oblação
Dos ternos affectos seos,
Vos sacrifica, meu Deos,
Por victima o coração.

LX.

E como não desprezaes
Hum coração humilhado,
Fazei hoje o meu tornado
Ao da penitente Thaes:
Que se meritos iguaes
Me désses com santo ardor,
Nas aras do vosso amor
Por timbre, laurel, e fausto,
A minh' alma em holocausto
Vos immolára, Senhor.

LXI.

Oh! quem assim o fizera
Desd' os innocentes annos!
Que já mais livre d' enganos
Culpas tantas não tivera:
Quem hoje vos merecêra
D'hum Hieronymo o ardor,
Porque então com viva dor
Em satisfação da pena,
Chorára qual Magdalena
As minhas culpas, Senhor.

LXII.

Chorar quero toda a hora
Minha ingrata rebeldia,
Desd' que amanhece o dia
Té que outra vez raia Aurora:
Porque eu sempre té agora
Do malevolo peccado
Andei á corrente atado,
E por isso os crimes varios
Dos meus vicios sanguinarios
Puzerão-me em tal estado.

LXIII.

Que eu fui impio como Achás,
Perverso qual Joatan,
Fui cruel Nabuzardan,
Tyranno como Joatás:
Fui pérfido qual Joás,
Barbaro mais que Nechão,
Infiel Jeroboão,
Tyranno Salmanazar;
Logo he justo o meu pensar,
Que não mereço perdão.

LXIV.

Mas como Vós tendes dito
Ao peccador absolver,
Se penitente viver,
E chorar o seu delito:
Eu a vossos pés contrito
Confio ser perdoado;
E pois me vêdes tornado
Ezechias penitente,
Contra a infernal serpente
Valei-me, Deos humanado.

LXV.

E porque não tenha effeito
Seu malevolo designio,
O vosso alto patrocinio
Obter he meu conceito:
E porque alente a meu peito
De vossos dons a affluencia,
Supposta a molle indigencia
Da minha preguiça crassa,
Assista-me a vossa Graça,
Valha-me a vossa Clemencia.

XLVI.

A ninguem melhor pedir
Devo, attenda á minha dor,
Senão a Vós, meu Senhor,
Que he quem me póde acudir:
Vêde o meu justo sentir
Com grata benignidade,
Que se a minha iniquidade
Serve de obstaclo ao perdão,
Sois meu Deos, Pai, e Irmão,
Valha-me a vossa Bondade.

XLVII.

Sou peccador sem segundo;
Como posso confiar
Hei de a salvo atravessar
As agoas d'Orco profundo?
A' Carne, ó Diabo, ó Mundo
Mal resiste o meu valor;
Dai-me forças, meu Senhor,
Para o combate vencer;
Valha-me o vosso pudêr,
Valha-me em fim vosso amor.

LXVIII.

Vosso amor he meu abrigo,
Vosso amor he o meu tudo,
Vosso amor he meu escudo
Contra o mortal inimigo:
D' hoje ao ultimo perigo
Imploro com humildade
Vossa immensa Divindade,
Que he de tão docil ternura;
Vossa alma tão grata, e pura,
Que he d' infinita piedade.

LXIX.

Soccorrei-me com presteza,
Se bem que o vil coração
He indigno de perdão
Por sua crassa dureza:
Esquecei minha vileza,
Nescias superstições magas,
Loucas fantasias vagas,
Errados, vãos descaminhos,
Pelos vossos mil espinhos,
Pelas vossas cinco Chagas.

LXX.

Eu bem sei que só mereço
A vossa indignação,
Porém com tudo o perdão
Dos meus delictos vos peço:
Perdoai-me o louco excesso,
Com que ás vossas Leis me oppuz,
Perdoai-me, meu Jesus,
Pelas vossas quédas sete,
Pelas ancias do Olivete,
Pelos martyrios da Cruz.

LXXI.

Por vosso Divino amor
Perdoai-me, grande Deos,
Os muitos peccados meos,
Cegueira, torpeza, horror:
Perdoai-me, alto Senhor,
Pela vossa Incarnação,
Perdoai a ingratidão
Deste o mais pérfido A'rio,
Pelas mágoas do Calvario,
Pela Sagrada Paixão.

LXXII.

Pela Sagrada Paixão
Perdoai o meu delicto,
Pelo vosso amante, afflicto,
E amoroso coração:
Por vossa Crucifixão
No sacro lenho da Cruz,
Pela crôa que vos puz,
Pelas cordas, lança, e cravos,
Meus erros impios, e bravos,
Perdoai-me, meu Jesus.

LXXIII.

Perdoai-me com ternura,
Ostentai o vosso amor,
Não desprezeis meu clamor,
Escutai-me com brandura:
Perdoai á creatura
Mais barbara, e mais ferina,
Cruel, ingrata, e malina
Por João santificado,
Por José glorificado,
E por Maria Divina.

LXXIV.

Ella he quem só fizestes
Unica depois de Vós,
Ella he quem pede por nós,
Degradados, vis terrestes:
A ella filhos nos déstes
Em João se bem pondero,
Eis porque o perdão espero,
Pela sublime valia
Da Soberana Maria,
Vossa Mãi, q' amo, e venero.

LXXV.

Pelos altos dons selectos
De vossa Mãi, Filha, e Esposa,
Por sua Alma gloriosa,
Por seus amores dilectos;
Por seus candidos affectos,
Por seus osculos sagrados,
Por seus carinhos prezados,
Por seu meigo coração,
Dai-me plena absolvição
De todos os meus peccados.

LXXVI.

Sim, meu Deos, sim, meu Senhor;
Dai á minha alma conforto
Pelas lagrimas do Horto,
Pelo Calis, e amargor:
Pela vossa maior dor,
E tormento mais severo,
Eu peccador o mais fero
Já brando Centurião,
Por vossa Morte, e Paixão,
Senhor, o perdão espera.

LXXVII.

E porque mais breve obtenha
De Vós minha alma o perdão,
Sua terna protecção
Vossa Mãi comvosco empenha:
Ella faz comvosco tenha
União, paz, e concordia,
Por isso he que da discordia
Do meu ingrato viver,
Confio recurso ter
Na vossa Misericordia.

LXXVIII.

LXXVIII.

Ella he dos peccadores
Columna, asylo, esperança;
Ella he doce lembrança
Nas afflicções, e nas dores:
Ella he onde os meus amores
Auge mais sublime tem,
Ella he Ara, he Pyra, em quem
A minha Fé mais radico,
Ella he Erário o mais rico,
Onde tenho o maior bem.

LXXIX.

Nella Thesouro o mais fino
Do vosso infinito amor,
Nella da Gloria penhor,
Cofre, e esmalte peregrino:
Nella Collyrio Divino
Para a alma enferma curar;
Nella, que póde sarar
O meu coração terreno,
Do immundo, e carnal veneno
Espero remedio achar.

LXXX.

Longe a maligna discordia,
Que eu humilde, e arrependido
Clamo a vossos pés rendido,
Senhor Deos, Misericordia:
Fazei que em paz, e concordia
C'os vossos Anjos tambem,
E Santos, que o Empyreo tem,
Alternemos com louvor:
Bemdito seja o Senhor
Para todo o sempre. Amen.

PROTESTAÇÃO.

SE Apostasia se veja
No meu verso, hé com lisura,
Sujeitando-me á censura
Da Catholica Igreja:
Pois tão sómente deseja
Minha alma d'amor ufana,
Com Fé pura, e soberana
Para atterrar os Calvinos,
Seguir os Dogmas Divinos
Da Sagrada Lei Romana.

CONFISSÃO GERAL
D'HUM PECCADOR
CONVERTIDO,

Que procura no Sacramento da Penitencia obter de seus delictos o perdão de Deos, na pessoa do Sagrado Ministro do Santuario.

RAMALHETE QUINTO,

OFFERECIDO

AO R.mo SENHOR

MANOEL D'ALMEIDA MACIEL,

Meritissimo Deão, e Provisor da Santa Sé Apostolica na Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos.

POR

JOSÉ CORTEZ SOL POSTO,
SOCIO BAHIENSE.

CONFISSÃO GERAL.

SONETO.

EU, Peccador rebelde, me confesso
Ao grande, immenso Deos, Santo, Uno, e Trino;
E á Virgem, que he por Graça, e dom Divino
Esposa, Filha, e Mãi, creio, e conheço:

Ao Archanjo Miguel, e a João peço
Ouçáo dizer meu cego desatino,
Que tão impio viver, bruto, e ferino
A Pedro, a Paulo expôr muito interesso:

Digo a Deos minha culpa a milhar centos,
Pequei, Senhor, pequei louco imprudente,
Por palavras, por obras, pensamentos:

A Vós, Maria, imploro reverente,
Moradores do Ceo, ouvi-me attentos,
Rogai por mim a Deos Omnipotente.

QUIN-

QUINTO
RAMALHETE.

GLOZA DO SONETO.

I.

MEu Deos, meu Pai, meu Rei, meu Soberano,
Benigno, Eterno, Immenso, Omnipotente,
Quem hontem peccador já foi tyranno,
Agora a vossos pés vem penitente:
Escutai-me Divino, ouvi-me humano,
Que a Vós hoje com dor, pezar vehemente,
De todo o cégo error, louco tropeço,
Eu, Peccador rebelde, me confesso.

II.

Maria, de Cadés Palma Celeste,
Nos campos Oliveira especiosa,
Do Libano, e Sião Cedro, Cypreste,
Rosal em Jericó, Mirrha cheirosa:
Facultai me hum pezar, que manifeste
Com pura contrição, dor amorosa,
Da minha laxa vida o desatino,
Ao Grande, Immenso Deos, Santo, Uno, e Trino.

III.

III.

Magnates desse Reino promettido,
Que eterno ha de existir sempre florente,
Hum brando coração enternecido
Alcançai-me do Rei, que he permanente:
Pois hoje quero humilde, e arrependido
Expôr os meus peccados geralmente
Ao Deos, que nas pessoas creio he Trino,
E á Virgem, que he por Graça, e dom Divino.

IV.

Unica, singular, pura Maria,
Minha esperança em Vós firmada tenho,
Vós sois meu feliz norte, luz, e guia,
Em Vós o meu recurso buscar venho:
Para sempre vos tomo neste dia
Por meu escudo, amparo, azilo, empenho;
Pois encerrais em Vós, firme confesso,
Esposa, Filha, Mãi, creio, e conheço.

V.

Vós, Guarda da minha alma, e segurança,
Amigo, Companheiro, e Confidente;
Alcançai-me com Deos firme alliança,
Com sincera união, affecto ardente:
Fazei que elle me dê clara lembrança
Da minha iniquidade inteiramente,
Que este mesmo favor com summo excesso,
Ao Archanjo Miguel, e a João peço.

VI.

VI.

E vós, ó Cortezãos do Empyreo eterno,
Anjos, e Santos Bemaventurados,
Alcançai-me hum pezar no peito interno,
De todos meus delictos, e peccados:
Eu farei do meu pranto ao som mais terno,
Os monstros mais ferozes, e embrenhados,
Para verem hum mísero destino
Ouçaõ dizer meu cego desatino.

VII.

Da louca, nescia, e vã Gentilidade
Os pérfidos, sacrilegos horrores
Não convencem a minha iniquidade,
Porque exemplo nasci dos peccadores:
O Ceo, o Justo Ceo, he bem verdade,
Sabe, conhece, lê nos meus errores,
Mais pérfido viver não teve Nino,
Que tão impio viver, bruto, e ferino.

VIII.

A minha laxidão he já sabida
Dos sensiveis, que o Mundo abrange, e encerra;
Minha molle indigencia he conhecida
De tudo que respira sobre a terra:
Porque hei passado assim a bruta vida
Té agora em confusa, e dura guerra,
O meu genio malévolo, e travesso
A Pedro, a Paulo expôr muito interesso.

IX.

IX.

Aos pés do meu Jesus chego abatido,
Bem justa compensão a tanta affronta,
Prostrado lhe offereço arrependido
Hum lizo coração, vontade prompta:
E porque tão perverso tenho sido,
Que não tem meus delictos par, nem conta,
Com lagrimas, e ais de sentimentos
Digo a Deos minha culpa a milhar centos.

X.

Apenas fui de barro figurado
A' vossa bella imagem, meu Deos vivo,
Logo do Mundo o seu grilhão dourado
Surprendeo-me enganoso, e attractivo:
De vagos pensamentos circulado,
Soberbo, presumpçoso, ufano, altivo
Como o impio Lusbel, Anjo insolente,
Pequei, Senhor, pequei louco, imprudente.

XI.

No lethargo da culpa adormecido,
Alheio de mim proprio tenho estado,
Hoje do Justo Ceo favorecido
Estou ás suas vozes acordado:
A vós, Padre, confesso arrependido
Pequei contra o meu Deos Crucificado
De dia, e noite, instantes, e momentos,
Por palavras, por obras, pensamentos.

XII.

XII.

Vós bem sabeis, Senhor, fui té agora
Soberbo, avaro, ufano, luxurioso,
Predominou-me a ira a toda a hora,
Assenso áquelle dei, fui invejoso;
Porém hoje a preguiça lanço fóra,
Humilde, prosternado e amoroso,
Para obter perdão d'hum Deos Clemente,
A Vós, Maria, imploro reverente.

XIII.

Mais culpas que accusar vai-me occorrendo;
Eu abusei os sacros Evangelhos,
Da vossa Lei os Dogmas desfazendo,
Mandamentos, preceitos, e conselhos:
De todo hoje expressar a Deos pertendo,
Minha cegueira em pranto de joelhos,
Por vozes dos mais ternos sentimentos:
Moradores do Ceo, ouvi-me attentos.

XIV.

Dos humanos eu fui a creatura
Mais vil, o peccador mais fraudulento,
Coração mais ingrato, alma a mais dura,
Que cobre a capa azul do Firmamento:
A Vós recorro, ó Virgem grata, e pura,
Anjos, e Santos lá do Ethereo Assento,
Para ser perdoado geralmente,
Rogai por mim a Deos Omnipotente.

GLO-

GLOZA DAS OITAVAS.

I.

EU me confundo, e pejo! ah! eu me accorr
Da minha bruta vida na verdade!
Mas assim vergonhoso a Vós recorro;
Porque agora he que sei, inda que tarde,
Sois por Divina Essencia, e Ser humano,
Meu Deos, *meu Pai*, *meu Rei*, *meu Soberano*

II.

Bem sei que por ingrato, vil, perjuro,
A vossa indignação, Senhor, mereço;
Porém o meu azilo em Vós procuro;
Que hoje distinctamente reconheço
Sois para o peccador, e o penitente
Benigno, *Terno*, *Immenso*, *Omnipotente.*

III.

III.

Confesso ter vivido como bruto,
Mas conhecendo em Vós feliz reparo,
Como o Duque Aquitaneo, resoluto
Buscando em vossos pés seguro amparo,
Contrito vem fugindo hoje do engano,
Quem hontem peccador já foi tyranno.

IV.

Sim, eu me chego a Vós, Deos adorado,
Não olheis como, e quando, e de que sorte;
Vêde sómente que terno, e humilhado,
Com dor no coração, n'alma ansia forte,
Quem foi cruel então, bravo, insolente,
Agora a vossos pés vem penitente.

V.

Pela vossa Bondade summa, immensa,
A meu rogo attendei, pois he sincéro,
Ante a vossa Santissima presença
Minha infame perfidia expressar quero:
Soberano Juiz sois, Rei Soberano,
Escutai-me Divino, ouvi-me humano.

VI.

Ouvi me, pois sabeis sem contingencia,
Que para vos expôr na realidade
Meu torpe, e cego error, tibia indigencia,
Eu não sei discernir, he bem verdade:
Quando, e a quem direi mais propriamente,
Que a Vós hoje com dor, pezar vehemente.

VII.

Ah, meu Senhor! tomai em branda cera
Este genio de bronze, duro, e bravo;
Porque eu para vos dar huma sincéra,
Cabal satisfação ao vosso aggravo,
Confessar me completo hoje apeteço
De todo o cego error, louco tropeço.

VIII.

Não me negueis, ó Deos! piedoso ouvido,
Escutai-me expressar minha cegueira,
Que a Vós humilde, brando, enternecido,
Com pura contrição, dor verdadeira,
De toda a laxa vida por expresso
Eu, peccador rebelde, me confesso.

IX.

Em Vós, Sacra Maria, paz, socego
Venho hoje procurar a meus sentidos;
E já que a vossos pés contrito chego,
Suspiros, ais, soluços, e gemidos,
Escutai do mais pérfido terreste,
Maria, de Cadés Palma Celeste.

X.

As lagrimas, que verto de amargura,
Vêde, Virgem Sagrada, compassiva,
Ouvi os meus clamores com brandura,
Pois sois por doce, meiga, e attractiva,
Platano junto d'agoa deleitosa,
Nos campos Oliveira especiosa.

XI.

Soberana Rainha Immaculada,
Por quem meu coração d'amor se inflamma;
Ouvi-me, já que sois Mãi tão prezada,
Que a Catholica Igreja vos acclama
O Monte de Efraim, Pompa Celeste,
Do Libano, e Sião, Cedro, e Cypreste.

XII.

Creatura melhor achar não posso,
Do que Vós para minha Protectora,
Já não quero ser meu, sou todo vosso;
Pois sois por alto dom Divina Aurora,
Estrella da manhã, Lua formosa,
Rosal de Gericó, Mirrha cheirosa.

XIII.

E pois que mereceste tanta Graça,
Que da Divina Graça sois o empenho,
Toda minha maldade infame, e crassa,
Expôr distinctamente agora venho:
Concedei-me huma dor, que a mágoa atteste,
Facultai-me hum pezar, que manifeste.

XIV.

Alcançai-me, Senhóra, bella, e pura,
D' Augusta, incomprehensivel Trindade,
Affecto, ansia, desejo, amor, brandura,
Para que toda a minha iniquidade
Confesse hoje com mágoa lacrimosa,
Com pura contrição, dor amorosa.

XV.

Pela vossa inviolavel virgindade
Inspirai á minha alma affecto ardente;
Para que com fervor, plena vontade,
Perfeito coração, mágoa vehemente,
Exponha ao justo Ceo, Santo, e Divino;
Da minha laxa vida o desatino.

XVI.

Hum auxilio efficaz, e requintado,
Vos peço, em mar de lagrimas desfeito;
Pois que sem omittir hum só peccado,
Por mais leve que seja o seu effeito,
Depôr, e confessallo determino
Ao Grande, Immenso Deos, Santo, Uno, e Trino.

XVII.

Eu começo a dizer os meus errores
Por linguas de suspiros inflammados,
Eu manifesto os meus impios horrores
Em vozes de gemidos lastimados:
Fazei me ouça o Senhor compadecido,
Moradores do Reino promettido.

XVIII.

Confesso no primeiro Mandamento,
Que nunca vos amei como devêra,
Pois já mais contemplei no pensamento,
Que sois (oh quem mais cedo conhecêra!)
De nossos Pais o Deos Grande, e Potente,
Que eterno ha de existir perpetuamente.

XIX.

Ah! meu Deos, e Senhor! quanto me peza
Não ter amado a tão digno objecto!
Mas como hoje já quero com firmeza
Tributar-vos hum lizo, e puro affecto,
Para amar-vos, me dai compadecido
Hum brando coração enternecido.

XX.

Pelo sublime dom, que mereceste,
Meu Francisco de Assis, amavel Santo,
Das Chagas de Jesus, que recebeste,
Vos peço pelas vozes de meu pranto,
Para vos imitar, amor ardente!
Alcançai-me do Rei, que he permanente.

XXI.

Estimavel Patrono venerado,
Pedi por mim com rogo fervoroso;
Que aos pés de meu Jesus Crucificado
Bem vêdes que contrito, e pezaroso
Confessar quão perverso tenho sido,
Que eu já quero hoje humilde, e arrependido.

XXII.

Com liza contrição, pura, e sincera,
Confissões, como Ignacio de Loyola,
Sete vezes fazer, geraes, quizera;
Pois fazendo-me o Ceo tão pia esmola,
Exacto poderei ao Ceo patente
Expôr os meus peccados geralmente.

XXIII.

Só assim os meus horridos peccados
Expressos ficarião cabalmente,
Pois confesso com tristes ais magoados,
Que nunca o meu affecto foi ardente,
Jamais completo amei, constante, e fino
Ao Deos, que nas Pessoas creio he Trino.

XXIV.

Embora diga o Mundo chego tardo,
Que assim mesmo a Vós busco, e solicito;
Para vos expressar como Bernardo,
Chorando a vossos pés o meu delito,
Que nunca amei ao Deos, que he tão benino,
E á Virgem, que he por graça, e dom Divino.

XXV.

Mas se té agora assim tenho vivido,
Sendo aos mesmos mortaes vil empecilho;
Porque d'amor em chammas incendido
Ame no seio d'alma ao vosso Filho,
Dai-me do vosso affecto a ardencia,
Unica, singular, pura Maria.

XXVI.

Bem sei, minha Senhora, não mereço
Patrocinado ser do amparo vosso,
Mas como a Fé me diz, e já conheço,
Sois na tribulação refugio nosso,
Para este lance pois de tanto empenho,
Minha esperança em vós firmada tenho.

XXVII.

Não temo, sim, com vosso patrocinio,
Discorrer no segundo Mandamento,
Amparai hum tão bom, santo designio;
Porque para sulcar a salvamento
Da culpa o golfo, em que me submergia,
Vós sois meu feliz norte, luz, e guia.

XXVIII.

Porque como Vós sois dos peccadores
Refugio, a Vós recorro já d'agora;
Não desprezeis, ó Virgem, meus clamores:
Pois bem vêdes, que humilde, (alta Senhora)
Porque creio, que em Vós amparo tenho,
Em Vós o meu recurso buscar venho.

XXIX.

A Vós, que de David sois Torre firme,
Me acolho, defendei-me, Virgem Santa,
De Filho não queirais, não, excluir-me;
Quando para obter de offensa tanta
Perdão do vosso amado, por valia
Para sempre vos tomo neste dia.

XXX.

A Vós, amavel bem; ó Mãi Clemente,
Vaso de devoção de alta virtude;
A Vós, Porta do Ceo resplandecente,
Dos enfermos antidoto, e saude;
A Vós escolho, elejo, quero, e tenho
Por meu escudo, amparo, asilo, empenho.

XXXI.

E que empenho maior procurar posso?
E que melhor valia achar quizera?
Sómente a vós a Graça, o Amor vosso,
He verdade Christã, he fé sincera,
Que infinita virtude reconheço
Pois encerrais em Vós, firme confesso.

XXXII.

Confesso, que só Vós ser mereceste,
Por Graça d'hum só Deos, tres vezes Virgem,
Não tendo, muito d'antes que nasceste,
Em Vós lugar a mácula de origem;
Pois vos fez a Trindade, que professo,
Esposa, Filha, e Mãi, creio, e conheço.

XXXIII.

XXXIII.

Por vossos mesmos dons minha memoria
Piedosa illuminai, Virgem Maria;
E porque faça ao Mundo hoje notoria
Minha rebelliáo, á Virgem Pia
Pedi queira illustrar minha lembrança,
Vós, guarda de minha alma, e segurança.

XXXIV.

Pedi, pois para mim sois por Deos dado
Custodio, de que estou bem satisfeito;
Propicio me assisti sempre a meu lado:
Os males, bem sabeis, que tenho feito,
Ajudai-me a dizellos fielmente,
Amigo, Companheiro, e Confidente.

XXXV.

Ajudai-me, pois sois até á morte
Anjo da minha guarda toda a vida;
Ajudai-me a mostrar o quanto he forte
O pezar da minha alma arrependida:
Hoje em fim, para assombro da tardança,
Alcançai-me com Deos firme alliança.

XXXVI.

XXXVI.

Que se té hontem cégo tenho andado,
E a vossos beneficios esquecido,
Hoje, que já conheço andei vendado,
Humilde, prosternado, e abatido,
A Vós quero querer só permanente,
Com sincera união, affecto ardente.

XXXVII.

Vosso Divino Espirito illumine
Meu rude pensamento já d'agora,
Elle me inspire, illustre, elle me ensine
A propôr meus peccados neta hora;
E pois meu pensar tanto não alcança,
Fazei que elle me dê clara lembrança.

XXXVIII.

Fazei, ó Santo Espirito Divino,
Recorde o meu peccado na memoria,
Porque em vozes de pranto he meu destino
Fazer a bruta vida a Vós notoria,
Huma cópia mostrando-vos patente
Da minha iniquidade inteiramente.

XXXIX.

XXXIX.

Por vossa amabilissima Esposa,
Maria, affavel Mái de peccadores,
Fazei por mim vos peça affectuosa;
Pois para vos expôr os meus errores,
Com ella menor graça não vos peço,
Que este mesmo favor com summo excesso.

XL.

Bem sei que não merece tal fineza
Hum peccador como eu, bem que chorando;
Mas para confusão da tibieza,
Que me ensinem, Senhor, por vosso mando,
A chorar o meu torpe, e horrido excesso,
Ao Archanjo Miguel, e a João peço.

XLI.

Eu me assombro, Senhor! eu pasmo, eu tremo,
Sómente em cogitar será notorio
Do meu peccado o horror no dia extremo!
Santas Almas do fogo Purgatorio,
Pedi a Deos por mim com rogo terno,
E vos, ó Cortezãos do Empyreo eterno.

XLII.

Pedi todos por esta creatura
Tão ingrata, cruel, e fementida,
Perversa, deshumana, tão perjura,
Dolosa, obstinada, endurecida:
Pedi, Justos da terra, congregados,
Anjos, e Santos bemaventurados.

XLIII.

Vós bem sabeis, Espiritos Celestes,
Do vosso amparo o quanto necessito,
E porque dos humanos, vís terrestes,
Outro não ha que iguale ao meu delito,
De haver tanto offendido a hum Deos eterno,
Alcançai-me hum pezar no peito interno.

XLIV.

Não, meu Deos, e Senhor, não mais tardança:
Dai-me n'alma hum pezar puro, e sincero;
Avivai, avivai minha lembrança,
Porque hoje a vossos pés confessar quero
Decidios, sacrilegios, attentados,
De todos meus delictos, e peccados.

XLV.

Eia pois, attendei-me compassivo,
Dai-me lagrimas tantas, e tão vivas,
Que sem intermissão chore effectivo;
Pois só assim com mágoas attractivas
Enternecer as furias d'Orco averno
Eu farei do meu pranto ao som mais terno.

XLVI.

Dai-me luz, dai-me auxilios, dai-me graça,
Que ao rouco som de meus tristes gemidos,
Meus erros confessando, tremer faça
Nas subterraneas grutas escondidos
Os brutos mais cruéis, deshumanados,
Os monstros mais ferozes, e embrenhados.

XLVII.

D'hum Pólo a outro Pólo todo o humano,
Que existe em hum, e outro Continente,
Vejão o peccador o mais tyranno:
Venha o languido, o sórdido, o indigente,
O pérfido, o malévolo, o ferino,
Para verem hum misero destino.

XLVIII.

XLVIII.

Venhão todos os Entes do Universo,
Sabios, doutos, inertes, e sinceros;
Venha o cruel, ingrato, o vil, perverso;
Penitentes, ermiticos, austeros,
O adulto, o veterano, e o menino,
Ouçaõ dizer meu cego desatino.

XLIX.

Eu sou, meu Deos, o bruto mais horrendo,
Que o Ceo, e a terra vio, se bem pondero;
Outro maior não ha, porque vivendo
Sempre indómito, bravo, duro, e fero,
Até hoje segui a iniquidade
Da louca, nescia, e vã Gentilidade.

L.

Eu sou o peccador mais bruto, infame,
Que o Mundo vio, nem ha seis mil annos;
Eu sou quem só merece a terra chame
Escandalo horroroso dos humanos:
Pois segui dos maiores peccadores
Os pérfidos, sacrilegos horrores.

LI.

Eu em tudo menti, quanto então disse;
Foi falso tudo quanto então jurava;
E porque logo des d'a meninice
Tudo fingido foi quanto fallava,
Os athletas fataes da falsidade
Não convencem a minha iniquidade.

LII.

Jurei sem reparar se erão mentiras,
Fui causa outros fazerem juramentos,
Da raiva dominado, e cheio de iras,
Mil vezes blasfemei varios momentos;
Fazendo-me hum Herege dos maiores,
Porque exemplo nasci dos peccadores.

LIII.

Jurei por varios mòdos muitas vezes
Mentiras, falsidades, e quimeras,
E como assim passei seiscentos mezes
Té ao tempo presente destas eras,
Só poderá contar minha maldade
O Ceo, o justo Ceo, he bem verdade.

LIV.

O Ceo contar só póde com effeito
As vezes que menti, (completamente)
Juramentos fataes, que tenho feito
Des dos annos felices d' innocente:
O Ceo he quem só tão impios horrores
Sabe, conhece, e lê nos meus errores.

LV.

O Ceo conhece bem no meu semblante
O quanto tenho sido mentiroso,
Elle o meu seio vê em hum instante,
Elle sabe fui sempre fabuloso;
No meu coração lê, desde menino,
Mais perfido viver não teve Nino.

LVI.

O Santo Ceo, que tudo comprehende,
Conhece quanto fui impio, e tyranno;
Elle sabe, penetra, indaga, entende,
Mais barbaro viver, mais deshumano
Não teve o Presidente Anollino,
Que tão impio viver, bruto, e ferino.

LVII.

Por Vós, meu Deos, em vão tenho jurado,
Por vossa Virgem Mãi, por vossos Santos,
Abonando comvosco o meu peccado,
Com fraudes, com malicia, enganos tantos,
Que té na brenha lá mais escondida
A minha laxidão he já sabida.

LVIII.

A's féras lá da occulta, e rude penha
A minha falsidade he murmurada,
Della não ha noticias quem não tenha,
De tudo em toda a parte he censurada,
Dos viventes, que abrange toda a terra,
Dos sensiveis, que o Mundo todo encerra.

LIX.

Nunca esta boca abri para a verdade,
A lingua foi picante, e maldizente,
E donde esconderei tanta maldade?
Se té, n'huma palavra finalmente.
Dos brutos na montanha desabrida,
Minha molle indigencia he conhecida?

LX.

Mas nem assim me dou por satisfeito;
Concedei-me, Senhor, hoje licença,
Os crimes contra Vós, que tenho feito,
Perante Vós expôr quero, e a presença
De tudo quanto envolve a Côrte, a serra,
De tudo que respira sobre a terra.

LXI.

Eu sou, meu Deos, eu sou aquelle humano
Tão barbaro, perverso, e tão ingrato,
Que me fiz de Britaldo, por tyranno,
Hum modêlo, e de Eutropio fui retrato;
Do Ascalonita fui cópia extrahida,
Porque hei passado assim a bruta vida.

LXII.

Eu fui como Holofernes atrevido,
Qual Heraclio cruel, como o impio Abias;
Pois dos vicios seguindo o vil partido,
Com a espada na mão todos os dias,
Me oppuz contra a virtude, sendo terra,
Té agora em confusa, e dura gerra.

LXIII.

Não me lembro hum só dia de preceito;
De Domingo, de Festa, ou qualquer Santo,
Já mais santificasse com respeito,
Devida submissão como Chrisanto;
Sendo causa de herético tropeço
O meu genio malévolo, e travesso.

LXIV.

E porque tenho sido tão nefando
Na malicia, crueza, e nos horrores;
Por écos do gemido hoje fallando,
Ante vós para meus expectadores,
Que me oução confessar meu vão excesso;
A Pedro, a Paulo expôr muito interesso.

LXV.

Sim, amavel Senhor, aqui presente
Tendes o depravado Heliodoro,
Que já com vossa Graça Omnipotente
Vêdes tornado está manso Theodoro;
E já, como Porfirio, arrependido,
Aos pés do meu Jesus chego abatido.

LXVI.

Aqui está o cruel Aproniano,
Que hoje com fé sublime, e esclarecida,
Semelhante ao feliz Sabiniano,
A bella, amavel, doce, e cara vida
Por Vós sacrificar fiel se apronta,
Bem justa compensão a tanta affronta.

LXVII.

Vós bem sabeis, Senhor, que eu com vontade
Liza, pura, innocente, ampla, e sincera,
Com a vida a isenta liberdade
Por meu doce Jesus gostoso dera;
E já o coração d'amor ferido
Prostrado lhe offereço arrependido.

LXVIII.

Adoravel Senhor, a Vós me entrego
Por servo, por cativo, e por escravo;
O meu affecto todo em Vós emprégo
Para recompensão do vosso aggravo:
Acceitai, recebei, tomai em conta
Hum lizo coração, vontade pronta.

LXIX.

LXIX.

Compassivo acceitai, brando, benino,
A candida oblação do meu affecto;
Se bem que só mereço, ó Deos Divino,
Da vossa ira ser odioso objecto;
Pois louco sempre andei, cego, e perdido,
E porque tão perverso tenho sido.

LXX.

Mas Vós como Deos bom, Pai tão amante,
Perdão me asseguraes Crucificado,
Ao passo que com vista prespicante
Vêdes, e penetrais que o meu peccado
A galafum tão alto se remonta,
Que não tem meus delictos par, nem conta.

LXXI.

Não tem número certo na quantia,
Mas do modo possivel, mais sincero,
Minha grande malicia, e rebeldia,
E o mais tudo em geral confessar quero;
Palavras, e obras más, vãos pensamentos,
Com lágrimas, e ais de sentimentos.

LXXII.

Ministro do Senhor, Homem Sagrado,
A cujos pés estou, e buscar venho;
A maldade total do meu peccado
Descobrir hoje a vós he meu empenho,
E á face já do Ceo, dos Elementos
Digo a Deos minha culpa a milhar centos.

LXXIII.

Eu sou hum individuo vago, errante,
Aerea exhalação fantasiada,
Chimerica Fantasma, Ente brilhante,
Que sendo pó, e lodo, sombra, e nada,
Aspirei logo a ser Astro animado,
Apenas fui de barro figurado.

LXXIV.

De barro, á vossa linda semelhança,
No Campo Damasceno me fizeste,
E d'hum bocejo, logo sem tardança
Era nada, e no sopro alma me déste;
De perfeições fazendo-me hum archivo,
A' vossa bella imagem, meu Deos vivo.

LXXV.

Feito assim d'huma branda natureza,
Flexivel ao martello dos enganos,
(Por meu gosto) as correntes da torpeza
Quantas vezes beijei nos tenros annos?
Por me haver em seus laços surpresado
Logo do Mundo o seu grilhão dourado.

LXXVI.

Aos olhos caviloso me apresenta
Suas delicias vás, caducos teres;
Elle o cópo já doura, aonde intenta
Dar-me a beber fantasticos prazeres;
E a meu peito innocente, quando esquivo,
Surprendeo-me enganoso, e attractivo.

LXXVII.

Em seus brilhantes ferros já prendido,
A sá vontade tanto me enfeitiça,
Que não me lembra ter-lhe hoje ouvido
Com sincera attenção huma só Missa;
Assistindo a hum Culto tão Sagrado
De vagos pensamentos circulado.

LXXVIII.

O mando Paternal me era insoffrivel,
O preceito Materno insupportavel,
E nada a seus exemplos attendivel,
Com elles me ostentei sempre intratavel:
Sanguinario, colérico, irascivo,
Soberbo, presumpçoso, ufano, altivo.

LXXIX.

Já mais nunca segui sua doutrina,
Seus santos documentos abusava,
E porque d'odio a paixão me predomina,
Contra os decretos seus me levantava,
Sem temer ser Demonio de repente,
Como o ímpio Lusbel, Anjo insolente.

LXXX.

Chegou a tanto minha crueldade,
Que contra o Pai humano, que me déstes,
Mil vezes conspirei co' a má vontade,
Como Philopator com Ervegestes:
Confesso meu horror, ó Deos Clemente!
Pequei, Senhor, pequei louco imprudente.

LXXXI.

LXXXI.

Eu fui aquelle monstro da fereza,
Homem o mais cruel entre os viventes,
Que por fartar em Vós sua crueza,
Assassinou a tantos innocentes;
Herodes sou, que igual tenho vivido
No lethargo da culpa adormecido.

LXXXII.

Eu nunca medite i no Paraiso,
Nem no fogo infernal, eterno, e forte,
Do vosso tremendissimo juizo
Esquecido vivi sempre, e da morte;
E só para offender-vos bem lembrado,
Alheio de mim proprio tenho estado.

LXXXIII.

Homicida não fui corporalmente,
Porém no esp'ritual tenho matado,
O lizo coração, a alma innocente
Eu induzi mil vezes ao peccado;
Confesso minha culpa arrependido
Hoje do justo Ceo favorecido.

LXXXIV.

Cincoenta annos, hum só de seus momentos,
Confesso, que n'hum lobrego lethargo,
Assenso nunca dei aos Mandamentos,
Assim como quem dorme a somno largo;
Mas ja do Ceo, que tanto me ha bradado,
Estou ás suas vozes acordado.

LXXXV.

Que quereis, justos Ceos, que este vil faça?
Pr mpto executarei vossos mandados:
Pedi, Padre, comigo a Jesus graça,
Bem vêdes, que com ais d'alma exhalados,
Quão malévolo, impio tenho sido
A vós, Padre, confesso arrependido.

LXXXVI.

No sexto Mandamento vos confesso
Horrores hediondos, culpas feias
Em tanta quantidade, que conheço
Não tem o Oceano mais areias;
Estas as vezes são, que obstinado
Pequei contra o meu Deos Crucificado.

LXXXVII.

LXXXVII.

Que eu fui, qual Salomão, veneno tanto;
Nos estupros, Jorão luxurioso;
Adultero, qual Rei Profeta Santo;
E só me faltou ser incestuoso:
Passando em torpes, vís distrahimentos,
Do dia, e noite, instantes, e momentos.

LXXXVIII.

Eu me confundo, aterro, assombro, e pejo,
Em ver qual sou, qual fui ha tantos annos!
Peccando na vontade, e no desejo
Mais bruto, que os lascivos Africanos,
Por sonhos, fantasias, vagueamentos,
Por palavras, por obras, pensamensos.

LXXXIX.

Vós bem sabeis, Senhor, tenho peccado
No sexto em modos mil, de tal maneira,
Que em carnal copla tenho-me juntado
Co'a casada, a viuva, e a solteira;
Nefando peccador a toda hora,
Vós bem sabeis, Senhor, fui té agora.

XC.

Do Proximo roubei fazenda, e fama,
A honra; eu murmurei, eu fui picante;
Sua mulher o meu desejo inflamma,
O alheio desejei a todo instante,
Lascivo fui indomito, doloso,
Soberbo, avaro, ufano, luxurioso.

XCI.

Contra a Fé, Esperança, e Caridade
Quantas vezes pequei, Padre, me accuso,
Não me lembro quantas são na realidade,
Porém de as confessar eu não m'escuso,
Pois que em nada soffrido té agora
Predominou-me a ira a toda a hora.

XCII.

Do meu dever accuso as negligencias,
Escandalos, vaidades, e tibiezas,
Sevicias, distracções, irreverencias,
Deicidios; sacrilegios, impurezas;
Pois Philadelfo, e qual Naaman leproso,
Assenso á gula dei, fui invejoso.

XCIII.

Todas as omissões a Deos contrarias,
A vós accuso, Padre, inteiramente
Ocios, maledicências voluntarias
Confesso, oh Ceos! humilde, e reverente;
Pusillanime fui sempre té agora,
Porém hoje a preguiça lanço fora.

XCIV.

Accuso-me de tédios, de vinganças,
Juizos temerarios, vís dicterios;
Accuso presumpçosas confianças,
Desprezo, odios, injúrias, vituperios;
A vossos pés me accuso lacrimoso,
Submisso, prosternado, e amoroso.

XCV.

Accuso imprecações, e altivezas,
Resistencia á graça, máos exemplos,
Raivas, jactancias, fraudes, e torpezas;
Menos respeito á Igreja, aos Sacros Templos:
Meus crimes todos faço hoje patente,
Para obter perdão d'hum Deos Clemente.

XCVI.

XCVI.

Accuso-me a final de tudo quanto
He aos olhos de Deos culpa, e offensa,
E já no coração, com pezar tanto,
Capaz de merecer a graça immensa,
Hoje, qual Manassés, já penitente,
A Vós, Maria, imploro reverente.

XCVII.

Ouvi-me, ó Virgem cheia de ternura,
Alcançai-me de vosso Filho amado
Perfeita contrição, huma dor pura,
Com que seja absolvido o meu peccado;
Pois com vosso favor, claro estou vendo
Mais culpas, que accusar vai-me occorrendo.

XCVIII.

Sim, Padre, hum pouco mais ouvi-me attento:
Eu fui como então foi Quadraciano,
Que cego da razão, do entendimento,
As falsas leis do ímpio Juliano,
Tendo sómente aos olhos por espelhos,
Eu abusei os Sacros Evangelhos.

XCIX.

Se bem que agora sou como Palmáchio,
Então retrato fui de Celerino,
Porque, como esse infame, e crú Almáchio,
Segui os documentos de Calvino,
Da Igreja os Ritos Sacros desdizendo,
Da Lei, da Fé os Dogmas desfazendo.

C.

Eu fui tyranno como Reciováro,
Se bem que hoje já sou vertido Acássio;
Eu fui como Nabal, e Elpidio aváro,
Porque ludibriei, qual ímpio Astacio,
Vossas Leis, Dogmas, Ritos, Evangelhos,
Mandamentos, Preceitos, e Conselhos.

CI.

Mas se té hoje monstro horrendo, e fero
Tenho a doutrina só de Ario seguido,
E a seita infame, e vil do ímpio Luthero,
Agora como Antrio convertido,
D'alma o pezar, que o pranto está dizendo,
De todo hoje expressar a Deos pertendo.

CII.

CII.

Aqui está o tyrannico Gallerio,
Chorando já Gorgonio seu tropeço,
Que se Apostata fui como Liberio,
Qual Sergio a vossos pés, Senhor, confesso
Por triunto dos Sacros Evangelhos,
Meu cego error em pranto de joelhos.,

CIII.

Meu Senhor Jesu Christo, quem tivera,
Em compensão de tantas miquidades,
Hum tenro coração de branda cera,
Igual á Flor de Assis, que eu expuzera
Os meus criminaes erros fraudulentos,
Por vozes dos mais ternos sentimentos.

CIV.

Mas do modo que sei, e como posso,
Protesto dentro d'alma, que me peza
Haver sido inimigo tanto vosso,
Semelhante a Virilio na fereza:
Confesso do meu peito os sentimentos,
Moradores dos Ceos, ouvi-me attentos.

CV.

Senhor, muito me peza, muito sinto,
Qual Germesyllo haver-vos transferido;
Verdade fallo, peza-me, não minto,
Porque vosso inimigo tenho sido:
Peza-me em fim, porque a mais perjura,
(*Dos humanos*) *eu fui a creatura.*

CVI.

Tantas offensas, que vos tenho feito,
No coração me peza amargamente;
No seio das entranhas, e no peito
Peza-me fui, e sou entre os viventes
O mais barbaro, indómito, cruento,
Mais vil, o peccador mais fraudulento.

CVII.

Peza-me tão cruel, e tão ingrato,
Porque vos aggravei, Deos Soberano,
Peza-me de Laudicio ser extracto,
E huma cópia fiel de Marciano:
Homem fui de consc'encia a mais impura;
Coração mais ingrato, alma a mais dura.

CVIII.

Peza-me, bruto fui o mais ferino,
Que já mais não se viu no Universo:
Sim, Padre, o peccador sou mais indino,
Infame, vil, cruél, duro, perverso,
Que em si volve o terrestre pavimento,
Que cobre a capa azul do Firmamento.

CIX.

Tudo isto que confesso, he bem verdade,
Quanto melhor me fôra ser mentira!
Perdão, meu bom Senhor, tende piedade,
Hum pouco suspendei a justa ira;
E porque sois Mái cheia de ternura,
A Vós recorro, ó Virgem grata, e pura.

CX.

Pedi a vosso Filho, ó Sacra, e pura,
Perdoe meus delictos, e horrores,
Pedi por esta infame creatura,
Vós tambem, ó Celestes moradores;
Pedi, a quem domina o Firmamento,
Anjos, e Santos lá do ethereo assento.

CXI.

Eu bem sei, eu bem vejo, eu bem conheço
Já merecia ardendo estar no Inferno,
Mas vosso patrocinio humilde peço,
Porque sei que poder tendes eterno;
Rogai a Deos por mim, ó Mãi Clemente,
Para ser perdoado geralmente.

CXII.

Pedi, ó Virgem grata, especiosa,
Por este convertido Cypriano,
E porque hoje por Vós, Mãi amorosa,
D'hum horrido, e cruel Diogeniano,
Hum Simplicio se veja penitente,
Rogai por mim a Deos Omnipotente.

Finaliza a Confissão com este

ACTO DE CONTRIÇÃO.

SONETO.

MEu Deos, doce Jesus, dominador
De quanto em si contém Ceo, Terra, e Mar,
Por serdes Vós quem sois, vos quero amar
Sobre todas as cousas, meu Senhor:

Peza-me sido haver falso, e traidor
A Vós, Deos puro, e Homem singular,
Proponho nunca mais vos aggravar,
Que sois meu Redemptor, e Salvador:

Dai-me pois das offensas, que vos fiz,
Com entranhas de Pai, absolvição,
Suspendendo os rigores de Juiz:

Dai-me dos meus peccados o perdão,
Porque fação minha alma ser feliz,
Vossa Mãi, Sangue, Cruz, Morte, e Paixão.

Ao Sagrado Templo da Veneravel Esclarecida Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade da Bahia, deplorado pelo incendio de Sexta feira Santa, depois da meia noite antecedente, a 21 de Março de 1788.

SONETO.

Que assombro! pasmo! horror! q̃ scena afflicta!
De vinte e hum de Março a noite dura,
Em Sexta feira Santa nos figura
A Justiça Divina, que se irrita!

Contra os mortaes vingança premedita,
Mas ah! da Virgem Mãi cede á ternura,
Volta o furor, prosterna a extructura
D' Augusta Ordem Terceira Carmelita:

O Braço Immenso, a Mão Omnipotente,
De Sodôma nos mostra o triste exemplo
Nos estragos fataes da chamma ardente:

Sendo os sacros vestigios, que contemplo,
De Carthago hum modêlo em cinza quente,
Extracto do Efesino, e raro Templo.

GLOSA.

I.

Contra os mortaes o justo Ceo irado,
A Terra pavorosa em alvoroço,
O Fogo crepitante, e accelerado,
Para os olhos, que virão o destroço,
E desordem da Ordem Carmelita,
Que assombro! pasmo! horror! que scena afflicta!

II.

Formidavel acaso, e lastimoso!
Funesta situação! tragica historia!
Com rouca, e triste voz, plectro horroroso,
Patente expressarei, porque em memoria
Fique á presente idade, e á futura,
De vinte e hum de Março a noite dura.

III.

III.

Vamos a descrever em rude verso,
O' Musa, este successo tão sentido,
Gema em tristes suspiros o Universo;
Pois o denso vapôr no ar esparsido,
Já do dia final (triste pintura!)
Em Sexta feira Santa nos figura.

IV.

Que susto! ansia! terror! que sentimento!
Que mágoa, e afflicção! fúnebre scena
Representa a Bahia com lamento!
He devido o pezar, he justa a pena,
Que está (do Ceo á face) vendo escrita
A Justiça Divina, que se irrita.

V.

Catástrofe cruel! fatal desgraça!
Lamentas com razão, triste Cidade!
Porque o Deos de Jacob vendo em ti passa
Tanta perfidia, error, e iniquidade,
O mesmo amor a ira mais lhe incita,
Contra os mortaes vingança premedita.

VI.

Soberano, severo, embravecido,
Horrido gésto contra a terra ostenta,
E porque com semblante enfurecido
Os viventes punir Juiz intenta,
Ao nivel no arco empunha a seta dura;
Mas ah! da Virgem Mãi cede á ternura.

VII.

Porém prevendo os homens tão grosseiros
As finezas de amor, que lhes fazia,
Sobre o Templo da Ordem dos Terceiros
Da Senhora do Carmo da Bahia,
Pelos rogos da mesma Virgem pura,
Volta o furor, prosterna a estructura.

VIII.

Com destreza, e valor brandindo a lança,
Antes que ao Mundo a luz do Sol desperte,
Hum raivoso tufão de fogo lança,
Que annaquila, abandona, em cinza verte
A Sagrada Catholica Mesquita
D' Augusta Ordem Terceira Carmelita.

IX.

IX.

Que lastimoso lance succedido!
Tão solido edificio, nobre, e forte,
Arrazado total, e abatido
Com tão duro destino, adversa sorte!
Estrago tal fazer póde sómente
O Braço Immenso, a Mão Omnipotente.

X.

Oh Mão Omnipotente! oh Braço Immenso!
Que as Mosaycas estampas abrazadas,
Entre a flamma voraz do fogo intenso,
As Dóricas Columnas derribadas,
A poeira, a cinza, o fumo que contemplo,
De Sodóma nos mostra o triste exemplo.

XI.

O povo afflicto, absorto, alvorotado,
Clamando ao Ceo piedoso, que o soccorra,
Huma cópia fiel, vivo traslado
Nos mostra da infeliz, triste Gomorra,
Banida, e sepultada inteiramente,
Nos estragos fataes da chamma ardente.

XII.

A seda, o ouro, a prata, o Santuario,
Tudo na voraz chamma consumido,
Dê no Universo brado famulario,
Para que com semblante espavorido
Os que hão de vir, lhes fique por exemplo
Sendo os sacros vestigios, que contemplo.

XIII.

Que aquelles que magoados presidirão
Na infausta noite á scena horrorizada,
Do Carmelo o Terceiro Monte virão
Por fogoso volcão da mão irada
Hum retrato de Norba em po ardente,
De Carthago hum modêlo em cinza quente.

XIV.

Trema, tema a Bahia a hum Deos Divino,
Em seu proprio furor vertido em braza,
Co' a espada na mão, bravo, e ferino;
Fazendo a sua mesma Augusta Casa,
Do movel Disco, e vario, hum claro exemplo,
Extracto do Efesino, e razo Templo.

SO-

SONETO.

De vinte hum de Março em parallelo
Igual corria a noite branda, e lenta,
Quando o recto Juiz vibrar intenta
Nos miseros humanos o cutelo:

Porque na mão surprende-lhe o flagello
A terna, e doce Mãi de culpa isenta,
A Tragedia funesta representa
Nesse Terceiro Valle do Carmelo:

Hum Vesuvio de fogo desprendido
Arroja sobre o proprio vulto,
Que em braza o deixa a cinza reduzido:

Mostrando, por terror do impio insulto,
Quiz antes ser das chammas consumido,
Que estar no Throno exposto a infame culto.

CANTICO
DA
AVE MARIA.

I.

A Vós, Virgem do Conselho,
Mãi de Deos, summa valia,
Dobrando em terra o joelho
Tributo esta... *Ave Maria.*

II.

No denso da escura tréva,
Fumo, pó, da culpa crassa,
Pervertendo o nome d'Eva,
Sois Ave... *Cheia de Graça.*

III.

III.

O mais grosseiro juizo,
O entendimento mais tosco,
Crendo como lhe he preciso,
Diz que... *O Senhor he comvosco.*

IV.

Neste conclave, em que estamos
Reunidos todos nós,
Alegremente cantamos,
Senhora... *Benta sois Vós.*

V.

O Ceo tanto vos ornou
De sublimes caractéres,
Que sómente a Vós creou
Sem peccado... *Entre as mulheres.*

VI.

Com voz sórdida, e grosseira,
Lá no abysmo o infernal bruto,
Confessa, ó bella Oliveira,
Que de Vós... *Bento he o fruto.*

VII.

Diz a Igreja, e ensina a Fé,
Para ser do Mundo luz,
Nasceo a flor de Jessé...
Do vosso ventre, Jesus.

VIII.

No Ceo, na terra, exaltada
Com terna, suave harmonia,
Sejais bemdita, e louvada,
O' Virgem... *Santa Maria.*

IX.

Nos ares, em doce verso,
Retumbem os écos meos,
Promulgando no Universo,
Sois Vós Sacra... *Mãi de Deos.*

X.

Vosso Genio he amoroso,
Escutai nossos clamores,
Ao Padre, ao Filho, ao Esposo...
Rogai por nós peccadores.

XI.

Pedi, singular Maria,
Rogai, amavel Senhora,
Por nós de noite, e de dia,
A cada instante, e.... *agora.*

XII.

Jesus, Maria, José
Nosso espirito conforte,
As suas bençãos nos dê...
Na hora da nossa morte.

XIII.

Para cantarmos victoria
Pelos triunfos da Cruz,
Levai-nos, Maria, á Gloria
Para sempre... *Amen Jesus.*

CANTICO
DA
SALVE RAINHA.

I.

SAlve Rainha, Madre
De Graça, e piedade,
De paz, e concordia,
De Misericordia.

II.

Vida, e doçura
Mãi com ternura,
Por virtude vossa,
Esperança nossa.

III.

III.

Salve, a Vós bradamos,
Ansiosos clamamos,
Afflictos, magoados,
Os degradados.

IV.

Os Filhos de Eva,
Que a cegueira os leva
No risco, em que estamos,
A Vós suspiramos.

V.

Gemendo, e chorando,
Ternos soluçando,
Não ha quem nos cale
Neste triste valle.

VI.

De lagrimas canto
Fazemos do pranto,
Ouvi-nos, que sois
Mãi nossa; eia pois.

VII.

Como Advogada
Fazei, Mãi presada,
Soccorra a mão vossa
A miseria nossa.

VIII.

Esses vossos olhos,
Rosas entre abrolhos,
São lindos, formosos,
Misericordiosos.

IX.

A nós os volvei,
Grata nos valei,
Que potente sois,
De Deos ao depois.

X.

Cá deste desterro,
Satisfeito o erro,
Unidos á Cruz,
Nos mostra a Jesus.

XI.

Bento fruto amado,
Que para o bem nosso;
Cremos que gerado
Foi do ventre vosso.

XII.

O' branda, ó clemente,
Mãi da humana gente,
Huma alma amorosa
Ouvi, ó piedosa.

XIII.

O' doce, ó terna,
O' Santa abterna,
Des d'a vossa origem
Pura, e sempre Virgem.

XIV.

Maria Sagrada,
Bella Advogada,
A Deos sempre Vós
Rogai por nós.

XV.

XV.

Santa Mãi de Deos,
A Vós supplicamos,
Cortezãos dos Ceos
Para que sejamos.

XVI.

Fazei-nos tambem,
Pois nos interessas,
Dignos das promessas
De Christo. Amen.

Jaculatorias para se cantarem no fim de cada Terço do Rosario de Nossa Senhora, e a primeira Cantiga he o que responderão todos.

MYSTERIOS GOZOSOS.

I.

Louvado seja Jesus,
Os Mysterios do Rosario,
Maria, que he da Trindade
Templo, Custodia, e Sacrario.

II.

Quando o Archanjo Gabriel
Vos intimou a Embaixada
Para Mãi do Eterno Filho,
Ficaste alheia, e turbada.

III.

III.

Assim que consentimento
Mansa, e humilde serva déste,
Por obra do Esp'rito Santo
A Deos Homem concebeste.

IV.

Ficaste, Virgem, o Erario
Do Diamante mais fino,
Pois no ventre enthesouraste
O Eterno Verbo Divino.

V.

Estava já vegetante
O lindo fruto innocente,
Quando aos montes de Judéa
Caminhaste alegremente.

VI.

E logo santificado
Fica o Baptista fiel
Na visita, que fizeste
A' vossa Prima Isabel.

VII.

Completo o tempo nos déste
O profetizado bem,
No lindo Infante nascido
Em a Lapa de Belém.

VIII.

Em doces vozes os Anjos
Baixárão do Empyreo Ceo
A' terra, alegres cantando
Gloria in altissimis Deo.

IX.

Deitado no tosco feno
Alli está entre dous brutos,
Das Serranas acceitando
Os mimosos, tenros frutos.

X.

As sinceras Aldeanas,
Camponezas, e Pastores,
Lhe offerecem com carinhos
Doces pomos, lindas flores.

XI

Alli guiados da Estrella
Brilhante, e resplandecente,
A venerallo vierão
Os tres Mágos do Oriente.

XII.

Com humilde submissão
O adorão por Deos Immenso,
E lhe offertão reverentes
Ouro fino, myrrha, incenso.

XIII.

Passados quarenta dias,
A's mesmas leis dando exemplo,
O proprio Legislador
Apresentaste no Templo.

XIV.

Alli Simeão, e Anna,
Pelas suas profecias,
Em seus braços o venerão
Por verdadeiro Messias.

XV.

Elle tinha já doze annos,
Quando por nosso interesse,
Dos vossos amaveis olhos
Se ausenta, e desapparece.

XVI.

Vós ansiosa o procuraste
Cercada de afflictas dores,
Nos tres dias o achaste
No Templo entre os Doutores.

XVII.

Louvada sejais, Maria,
Com vosso Filho tambem,
Alcançai-nos delle a Gloria
Para todo o sempre. Amen.

MYSTERIOS DOLOROSOS.

I.

Louvado seja Jesus,
Os Mysterios do Rosario,
Maria, que he da Trindade
Templo, Custodia, e Sacrario.

II.

Vós, Virgem, alegremente
Com Jesus, e S. José
Da Cidade de Belém
Vos tornaste a Nazaré.

III.

Mas ah! que o vosso contento
Em pezar se ha de verter,
Que já vem chegando o tempo
Do mais duro padecer.

IV.

Porque Herodes temeroso,
Que o Messias vem reinar,
Manda pelos seus soldados
Os innocentes matar.

V.

Vós então, Virgem Sagrada,
Temendo o cruel edicto,
Com vosso Filho, e Esposo
Fugiste para o Egypto.

VI.

Em breve tempo morreo
O monstro da crueldade,
E Vós com feliz transporte
Voltaste á vossa Cidade.

VII.

Os prodigios do Messias
O povo Hebraico sabendo,
O insultão de feiticeiro,
Quando estão milagres vendo.

VIII.

Elles traçáo meio, e modo,
Idéas para o prender,
Quando o Discipulo traidor
Proposto tem de o vender.

IX.

Estando Jesus no Horto
Em santa, humilde Oração,
Busca Judas os Escribas,
Com elles trata a prisão.

X.

No Monte das Oliveiras
Ao nosso Jesus achárão,
E cruelmente raivosos
Com duras cordas o atárão.

XI.

E por ordem de Pilatos,
Na occasião opportuna,
Mais de cinco mil açoutes
Lhe dão atado á columna.

XII.

De espinhos o coroárão,
Botão-lhe capa rasgada,
Na mão hum sceptro de cana,
Nos hombros a Cruz pezada.

XIII.

Entre mofas, e alaridos
Do povo insensato, e vário,
Aqui tropeça, alli cahe,
Já chega ao Monte Calvario.

XIV.

A tunica inconsutil
Lhe despírão, e rasgárão,
E no Madeiro Sagrado
De mãos, e pés o cravárão.

XV.

Em fim entre sentimentos,
E pasmos da terra, e Ceo,
Por nos remir do peccado
O Amante Jesus morreo.

XVI.

XVI.

Com licença de Pilatos
Da Santa Cruz foi tirado
Por José, e Nicodemos,
E no Sepulchro enterrado.

XVII.

Louvado seja Jesus
No Ceo, terra, mar, inferno,
Louvada seja Maria,
Mái de Christo, Deos Eterno.

MYSTERIOS GLORIOSOS.

I.

Louvado seja Jesus,
Os Mysterios do Rosario,
Maria, que he da Trindade
Templo, Custodia, e Sacrario.

II.

Segundo a Lei, e Escritura,
He verdade incompativel,
Jesus ao terceiro dia
Resurgio vivo, e impassivel.

III.

Depois de resuscitar
Quem de Vós, Virgem, nasceo,
Foste a primeira pessoa,
A quem elle appareceo.

IV.

IV.

Com semblante carinhoso,
Gesto alegre, Face amena,
Na fórma de Jardineiro
Presentou-se á Magdalena.

V.

Aos Discipulos tambem,
Para os radicar na Fé,
Mostrou-se corporeamente,
Sendo o ultimo Thomé.

VI.

Comvosco, e os seus Apostolos,
Esteve quarenta dias
No Cenaculo feliz,
Cheio de gozo, e alegrias.

VII.

Depois disso, no alto cume
Do Olivete venturoso,
A' vossa vista, e dos mais,
Subio ao Ceo glorioso.

VIII.

VIII.

Mandou no decimo dia;
De amor em fogo incendido,
Visitar-vos fino amante,
Como havia promettido.

IX.

Baixou o Espirito Santo
Em hum fogo luminoso,
Que a Vós, e todo o Collegio
Encheo de Divino gozo.

X.

Logo aquelles Varões justos,
Que alli comvosco assistião,
Fallando em diversas linguas,
Huns, e outros se entendião.

XI.

Elles vão já diligentes,
Que o Ceo assim determina,
A's quatro partes do Mundo
Prégar de Deos a Doutrina.

XII.

Já baptizando Pagãos,
Já moderando Crueis,
Já convertendo Gentios,
Já reduzindo Infiéis.

XIII.

Já d'huma em outra Provincia
Discorrendo com excessos,
Pela Fé, Igreja, e Lei
Executando progressos.

XIV.

Porém já chegando o prazo
Do vosso feliz transporte,
Alli forão reunidos
No dia da vossa morte.

XV.

E sendo o tempo completo
Morreste como humanada,
Mas ao Ceo em Corpo, e Alma
Por Anjos foste levada.

XVI.

Da Santissima Trindade
Com Gloria, que vos convinha,
Dos Anjos, Santos, e Homens
Foste c'roada Rainha.

XVII.

Virgem pura do Rosario,
Este louvor acceitai-nos,
E depois da mortal vida,
A' eterna Gloria levai-nos.

Segundo Cantico da Salve Rainha, para depois da Ladainha no fim do Terço.

I.

MAria, valei-nos
Contra o inimigo,
De mortal perigo,
Virgem defendei-nos.

Que o povo vos ama,
N' alma vos alinha,
Terno vos acclama
Por... *Salve Rainha.*

II.

Princeza do Ceo,
Mais bella Judith,
Torre de David,
De Gedeão o Véo.

Vós com feliz sorte
Sois Filha do Padre,
Do Espirito Consorte,
E do Filho... *Madre.*

III.

Virtude alta, e Santa,
Que vossa Alma encerra,
Ceo alegra, e terra,
O Inferno espanta.

Sois doce attractivo,
Iman de concordia,
Base, Erario, Archivo...
De Misericordia.

IV.

Aos vossos devotos
Vinde soccorrer,
Grata receber
Seus humildes votos.

Ouvi seus clamores,
Pois sois, Virgem pura,
De nós peccadores...
Vida, e doçura.

V.

Deos vos fez tão bella,
Que sois por formosa
De Jericó Rosa,
Da manhã Estrella.

O Sagrado Lenho,
A protecção vossa,
He o nosso empenho,
Esperança nossa.

VI.

A Vós recorremos
Na tribulação,
Porque na afflicção
Refugio em Vós temos.

Com alegre Canto
A Vós tributamos
Este louvor santo
Salve a ti bradamos.

VII.

Inficionados
Da original peste,
Da Patria Celeste
Somos... *Degradados.*

Vede a manifésto
Perigo nos leva
Este nome infesto
De... *Filhos de Eva.*

VIII.

Porém como achamos
Consolo em Vós santo,
Com sonoro pranto...
A Vós suspiramos.

Em diluvios d'aguas
Quasi soçobrando,
Estamos de mágoas
Gemendo, e chorando.

IX.

Porque a mais se anale
A vossa Clemencia,
Santa paciencia
Nos dai... *Neste valle.*

Já que Protectora...
De lagrimas sois,
Valei-nos, Senhora,
Que he tempo... *Eia pois.*

X.

A protecção vossa
Humildes buscamos,
E a Vós nomeamos...
Advogada nossa.

Meiga, e attractiva
Cá nestes abrolhos,
Voltai compassiva...
Esses vossos olhos.

XI.

Do Supremo Rei
Olhos tão mimosos
Misericordiosos
A nós volvei...

Ternos vos amarmos
Fazei, por quem sois,
Para vos gozarmos
Na Gloria... *Ao depois.*

XII.

Por segundo erro,
Miseros indinos
Somos peregrinos
Cá... *Deste desterro.*

Trazei-nos perdão
Do Sangue da Cruz
Depois disso então
Nos mostra a Jesus.

XIII.

Deos absoluto,
Que humano recem
Na feliz Belém
Nasceo... *Bento fruto.*

Em nós, Amor fino,
Fazei reconcentre
O Infante Menino;
Que he... *Do vosso ventre.*

XIV.

Ouvi, amorosa
Mãi dos affligidos,
Os nossos gemidos...
Clemente, e piedosa.

Já que doce, e pia,
Nos attendeis Vós,
Sempre a Deos, Maria,
Lhe... *Rogai por nós.*

XV.

Pois a Terra, e Ceos
Cantão com ternura,
Que sois, Virgem pura,
Santa Mãi de Deos.

Recebei os votos,
Que a Vós dedicamos,
De vossos devotos,
... Para que sejamos...

XVI.

As Trévas espessas
Fazei nós rompermos,
Para de Deos sermos
... Dignos das promessas.

Levai-nos, Mãi terna,
Que assim nos convem,
A' presença eterna
... De Christo. Amen.

A' PAIXÃO
DE
JESU CHRISTO,
BEMDITO DE AMOR.

I.

SEja Bemdito, exaltado
Com insessante louvor
O Grande Deos, que humanado
Morreo pelo nosso Amor.

II.

No Monte das Oliveiras,
Jesus com Divino ardor,
Tres vezes ao Padre Eterno
Orou por nosso amor.

III.

III.

Tal impressão em sua Alma
Fez do Calis o amargor,
Que sangue em cópia abundante
Suou a impulsos de amor.

IV.

Judas pérfido, e avarento,
Discipulo infame, traidor,
Já traça vender seu Mestre,
Vertendo em odio o amor.

V.

Procura os Judeos no Templo,
Onde com perverso horror,
Vendeo por trinta dinheiros
Hum Deos, Thesouro de amor.

VI.

Sobe ao Horto do Oliveté
Toda a turba com furor,
Alli prendem a Jesus
Como Cordeiro de amor.

VII.

Ao Pontifice Annás
Presentárão o Senhor,
Atado com duras cordas,
Tecidas por mãos do amor.

VIII.

Depois levão-no a Caifás,
Impio, critico, impostor,
Que vitupera a Jesus
Com desprezo em vez de amor.

IX.

Caifás o envia a Pilatos,
Presidente, e Senador,
Que politico ao surpreso
Interroga com amor.

X.

Porém sendo ameaçado
Pelo Judaico furor,
Manda açoutar a Jesus
Por innovar leis de amor.

XI.

Mais de cinco mil açoutes
Lhe dão com tédio, e rancor,
Julgando ser réo de morte,
Quando o seu crime he amor.

XII.

Então de juncos marinhos
Na cabeça lhe fez pôr
Huma coroa d'espinhos
O odio rival do amor.

XIII.

Pobre, humilde, e rota capa,
Se bem de purpurea côr,
Sceptro vil de fragil cana
O demostra Rei de amor.

XIV.

Entre os alaridos seus,
Com irónico louvor,
O acclamão Rei dos Judeos
Por mofa, não por amor.

XV.

Que o mande crucificar,
Grita o povo com clamor,
Firma a sentença Pilatos:
Morra Jesus por amor.

XVI.

Huma Cruz botão-lhe aos hombros,
Que com sincero pudor
O nosso Jesus abraça
Com ternura, affecto, amor.

XVII.

Elle já vai ao Calvario
Caminhando sem temor,
Já chega, e de mãos, e pés
Foi cravado por amor.

XVIII.

Arvorada a Santa Cruz,
Entre confuso rumor,
Inclina a cabeça ao peito
Jesus, e morre de amor.

XIX.

XIX.

Desde a Sexta á hora noña,
Perdeo o Sol o explendor,
Ficou a Lua eclipsada,
Porque he morto o Deos de amor.

XX.

O véo do Templo rasgou se,
Geme a terra com tremor,
Pasma o Ceo, suspira o Orbe,
De mágoa, pena, e de amor.

XXI.

Abrirão-se as sepulturas,
Quebrão-se as pedras de dor,
Só no infame, Hebraico peito
Não ha fé, não se acha amor.

XXII.

Louvado seja Jesus,
Nosso amavel Redemtor,
Que humano em a Santa Cruz
Expirou por nosso amor.

A Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora.

MOTE.

Bemdita, e louvada seja
A Conceição de Maria,
No Ceo, Terra, Mar, Inferno,
Com Canticos de alegria.

GLOSA.

I.

TOdos devem-se alegrar,
Que hoje Maria gerada
Foi, da culpa preservada,
Para Lucifer prostrar:
Logo pois deve cantar
A Catholica Igreja,
A pezar da estigia inveja,
Que Maria por trofeo
No Inferno mesmo, e no Ceo
Bemdita, e louvada seja.

II.

Seja bemdita, e louvada
Tão perfeita Creatura,
Virgem sempre, intacta, e pura,
Abterna, immaculada;
E porque foi preservada
Da peste, em que o Mundo ardia,
Claro está foi neste dia,
Por tão rara, e peregrina,
Empenho da mão Divina
A Conceição de Maria.

III.

Alegre-se todo o Mundo
Com prazer, que neste dia
Foi concebida Maria
De Anna com gozo profundo;
Contentamento jucundo,
He bem que no peito interno,
Cheio de affecto o mais terno,
A todos deve alegrar,
Em toda a parte, e lugar,
No Ceo, Terra, Mar, Inferno.

IV.

IV.

Isto he, que todo o vivente
Com summo contentamento
De tão feliz nascimento
Se mostre alegre, e contente;
Cante alternativamente
Hymnos com doce harmonia;
E em suave melodia
He bem que louvem os Anjos,
Serafins, Thronos, Archanjos,
Com Canticos de alegria.

Ao mesmo assumpto.

MOTE.

Pelas altas excellencias,
Que vossa Alma pura abraça,
O Archanjo vos acclamou:
Maria cheia de Graça.

GLOSA.

I.

DE unanimes pareceres
Tod'a Catholica Igreja
O doce nome festeja
De Maria com prazeres:
De bemdita entre as mulheres
Ella goza as preminencias,
E com santas consequencias,
Todo o vivente em geral
A venera sem igual,
Pelas altas excellencias.

II.

II.

Sim, são sublimes, e altivas,
Maria, as virtudes vossas,
Ficando nas vozes nossas
Diffusamente expressivas:
As vossas prerogativas
O pensar nosso embaraça,
Que como empenho da Graça
Divina, são indiziveis
Os dons incomprehensiveis,
Que vossa Alma pura abraça.

III.

O volatil pensamento,
Por mais que intente subir,
Não poderá discernir
Vosso alto merecimento;
Pois quando ao pobre aposento
Do Ceo o Archanjo baixou,
No instante que se turbou
Vossa Alma, e toda se enleia,
Por Ave de Graça cheia
O Archanjo vos acclamou.

IV.

Vós, Maria Immaculada,
Sois mais perfeita que os Anjos,
Mais pura que os Archanjos,
Com virtude requintada:
Por isso na embaixada,
Que humilde vossa Alma abraça,
Antes que a saber vos faça,
Sereis Mãi d' Emmanuel,
Vos titulou Gabriel
Maria cheia de Graça.

Ao mesmo assumpto.

MOTE.

Não tem vossa Conceição
Entre os humanos igual,
Foste, Virgem, concebida
Sem peccado original.

GLOSA.

I.

SIngular na architectura
D' especiosa belleza,
Empenho da natureza
He a humana creatura:
Mas só Vós, Maria, pura
Sois da infecta geração,
Porque do crime de Adão,
Peste ao Mundo universal,
De nodoa, indicio, ou sinal
Não tem vossa Conceição.

II.

A grão tão alto voaste,
Maria, Pomba Celeste,
Que no ventre a Deos trouxeste,
E a vossos peitos creaste:
E porque sempre ficaste
Pura, limpa, e virginal,
He Dogma universal,
Ponto de Fé com clareza,
Que não tem vossa pureza
Entre os humanos igual.

III.

Entre os vastos filhos seos,
A Santissima Trindade
Não fez mais grata beldade
Cá na Terra, e lá nos Ceos;
E porque por Mãi de Deos
Foste aterna escolhida,
He verdade já bem crida,
Que no ventre feliz d'Anna,
Isenta da culpa humana
Foste, Virgem, concebida.

IV.

Creatura mais perfeita
O Sol já mais não tem visto,
Porque para Mãi de Christo
Abterna foste eleita:
O vosso nome deleita
N' huma palavra a final,
Dos viventes em geral
Só Vós foste concebida,
Sacra Maria, e nascida
Sem peccado original.

He alheio o

MOTE.

Se a terra fora papel,
Sendo tinta o mar salgado,
Não chegára a descrever
Penas, que amor me tem dado.

GLOSA PROPRIA.

Vertido ao Divino.

I.

SEnhor, eu sou muito ingrato!
Fazei que em meu coração
Do extático Hilarião
Se contemple hum novo extrato:
Porque só sendo retrato
De hum vosso servo fiel,
Co' aguçado sinzel
D'huma dor liza, e mais rara,
Meus erros todos copiára
Se a terra fora papel.

II.

Fazei meus crimes chorar,
Que igualando a Pedro Santo,
O meu amargoso pranto
Se transverta em doce mar;
Fazei que do meu peccar
Pinte hum sincero traslado,
Que sem Vós, Deos humanado,
Já mais serão meus delitos
Cabalmente manuscritos,
Sendo tinta o mar salgado.

III.

Inda que eu do sabio Adão
A infusa sciencia herdára,
Nem assim claro expressára
Minha bruta ingratidão:
Sem Vós, se inda hum Salomão
Fora no optimo saber,
Do meu sórdido viver
As acções, os lances todos,
Nunca por algum dos modos
Não chegára a descrever.

IV.

Só vossa Divina Essencia
He quem póde, Immenso Deos,
Os muitos peccados meos
Bem numerar sem falencia:
Confesso sem contingencia
Vivi té agora vendado,
Vago, dubio, allucinado,
Com idéas transitorias,
Vendendo ao Mundo por glorias
Penas, que amor me tem dado.

He alheio o

MOTE.

Da escravidão do Deos cego
Já livre os grilhões penduro;
Oh! quem mais cedo pudéra
Desatar o laço duro.

GLOSA PROPRIA.

Vertido ao Divino.

I.

GRaças ao Deos de bondade!
Já a vã, e nescia paixão
Não me altera o coração,
Nem me surprende a vontade:
Já d'amavel liberdade
Nos doces braços me entrego;
Porque com feliz socego
Minha alma já não a enleia
A dourada, e vil cadeia
Da escravidão do Deos cego.

II.

Bemdito o Ceo! que já vive
Tranquilla a simples vontade!
Já desfiz da liberdade
O laço, a que atado estive:
Do cativeiro que tive,
Desse Rei falso, e perjuro,
Porque ao presente, e futuro
A todos sirva de exemplo,
Do desengano em seu Templo.
Já livre os grilhões penduro.

III.

Em fim já desenganado,
(Que quem diz Mundo, diz erro)
No mais embrenhado cerro
Irei viver sepultado:
Oh! quem no berço tomado
Tão bom acordo tivera!
Porque ha mais tempo exercêra
Humilde, e santa virtude;
Mas ah! mais cedo não pude!
Oh! quem mais cedo pudéra.

IV.

Dai-me, Senhor, a precisa
Graça vossa, que dos erros
Commettidos, os vís ferros
Só vossa mão quebra, e pisa:
Dai-me alma innocente, e liza,
Hum coração grato, e puro,
Porque em Vós então seguro,
A pezar do Deos vendado,
Poderei do vil peccado
Desatar o laço duro.

Pai-

Paixão propria.

MOTE.

Já tenho objectos melhores
Onde emprégo a minha Fé,
Da minha alma são amores
Jesus, Maria, José.

GLOSA.

I.

A Deos, Iolos profanos,
Campaspe, assombro da Grecia,
De Roma o pasmo, Lucrecia,
Helena, de Troya os danos:
Adeos, Mundo, longe enganos;
Que eu com sinceros ardores,
Para consagrar amores
Castos, puros, e selectos,
Mais que os teus bellos objectos,
Já tenho objectos melhores.

II.

Basta, basta o louco excesso;
Com que te servi, não nego;
Mas foi porque andava cego,
He bem verdade, confesso:
Agora que te conheço,
Guarda a tua Bersabé,
Goza Roxanes, porque
Mais que tuas vãs Deidades,
Tenho gratas Divindades,
Onde emprégo a minha Fé.

III.

Queres saber quaes serão?
Eu o digo com alegria:
Jesus, José, e Maria
Meus lindos objectos são:
Elles o meu coração
Governão como Senhores,
Elles, quaes Dominadores,
Me regem a liberdade,
Elles com pura vontade,
Da minha alma são amores.

IV.

Pois tenho boa eleição?
Tuas falsas gentilezas
Tem com tão lindas bellezas
Sonhada comparação?
Ouço me respondes, não:
Logo pois, Mundo, porque
A' minha sublime Fé
Tu mesmo cinjas-lhe a Palma,
Vê que amo no seio d'alma
Jesus, *Maria*, *José*.

PRO-

PROTESTO GERAL.

SONETO.

NOs versos manuscritos, que aqui vão;
Se houver palavra alguma artificial,
Que se perceba, entenda, ou julge mal,
Protesto essa não he minha intenção:

Que eu sou filho da Igreja, sou Christão,
Adoro hum Deos Immenso, e Universal,
Venero os Sacros Ritos em geral,
E os Dogmas da perfeita Religião:

Abomino, condemno o cego êrror
De Heretico versar, que aqui houver;
E em mim se achar, que á Lei contrario for:

Pois com humilde fé, que se requer,
Só sigo, abraço, e creio com fervor
O que a Romana Igreja ensina, e quer.

J. C. S. P.

FIM.

CA 807 01-126
S689f

PROTESTO GERAL.

SONETO.

Nos versos seguintes, que ardil vão,
Se não vir palavra alguma ardilosa,
Que se jacobe, errada, ou injuriosa,
Protesto esta não ser minha intenção.

Que eu com fino da Igreja, son Christão,
Adoro hum Deos Immenso, e Universal,
Venero os Santos Reos em geral,
E as Dogmas da perfeita Religião:

Abjuro, condemno e casso erros,
Que herege versar, que aqui houver,
E em mim se achar, que a Igreja for:
Pois sou humilde fiel, que se reputa,

Que a Romana Igreja amiga, e mãe,
Obedece, abraça, e segue em tudo,
Como a Rainha Igreja amiga, e mãe.

FIM.

4500

6/30/88 - R.C.K
DBA p. 819